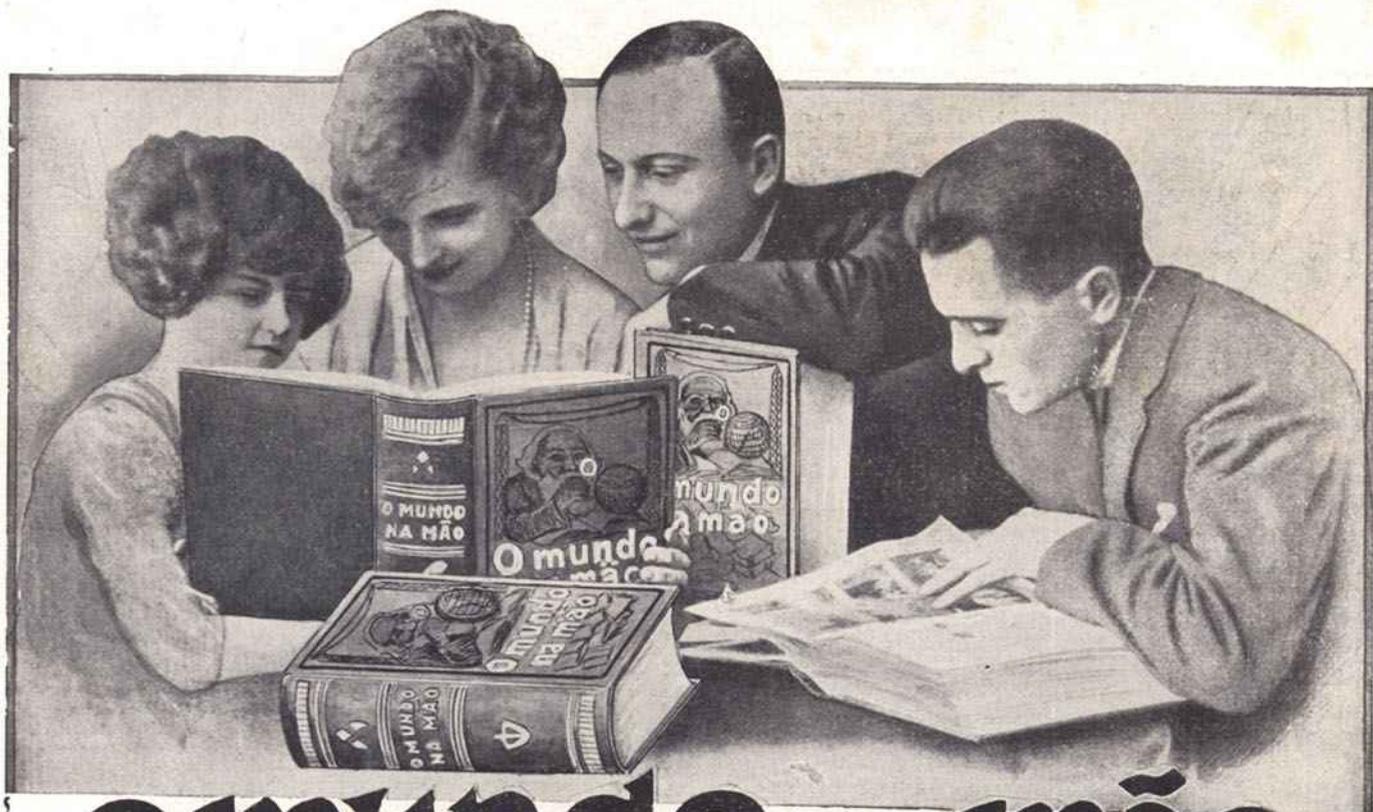


ILUSTRAÇÃO

N.º 223 — 10.º ano



Abril — águas mil



O MUNDO na MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	181\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O meu menino

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,

encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

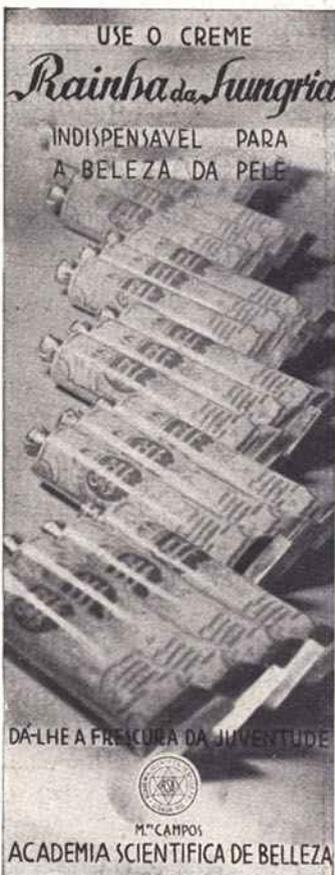
Rua da Condessa, 80 LISBOA

As edições da Livraria Bertrand encontram-se à venda na Minerva Central, Rua Consiglieri Pedroso - Caixa Postal 212 Lourenço Marques

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

M.º CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de Leitão de Barros

1 vol. de 352 págs., no formato de 26x18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. **15\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Quatro candidatas

Uma só conseguiu vencer



Uma mulher que não tem a mínima probabilidade de arranjar uma boa colocação ou de levar a melhor em competições amorosas se não tiver uma pele fresca, clara e branca, que não esteja emurcheda e que não apresente pontos negros, nem poros dilatados. No entanto, com o novo Creme Tokalon Cor Branca (não gorduroso) toda a mulher pode agora conseguir, em 3 dias apenas, uma pele branca duma beleza nova.

Este novo Creme Tokalon contém, agora, creme fresco e azeite preteridos, combinados com elementos adstringentes que branqueiam e tonificam a pele. Penetra logo, acalma a irritação das glân-

dulas cutâneas, fecha os poros dilatados e dissolve os pontos negros tão completamente que desaparecem. Branqueia a pele mais escura e amacia a mais rude. É preciso gastar tão pouco para conseguir uma nova pele fresca e branca - e as vantagens são tão grandes - que não há mulher que possa prescindir deste novo Creme Tokalon (Cor Branca). Encontra-se à venda nas perfumarias e boas lojas. Não encontrando peça-o à Agência Tokalon de Lisboa (Secção I. L.) - 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

Experimente pessoalmente, hoje mesmo, e observe os resultados, no vosso caso.

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

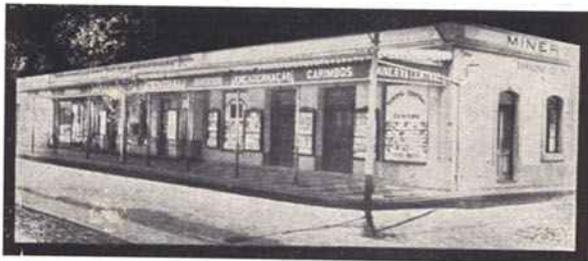
Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de **ESPAÑA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS**

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. **MINERVA**

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O JOGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jogo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de ser posto à venda

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

1 vol de 220 págs. broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

À VENDA

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR **JÚLIO DANTAS**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O Prêdió de Rachmanoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — A última viagem — Três gerações — O homem de cache-nez verde — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. . . **17\$00** broch. **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

LIVROS

da BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Para as **ESCOLAS INDUSTRIAIS**

Algebra Elementar , 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática , 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico , 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de Química , 1 vol. enc.	15\$00
Elementos de Mecânica , 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte , 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar , 1 vol. enc.	15\$00
Geometria Plana e no Espaço , 1 vol. enc.	15\$00
O livro de Português , 1 vol. enc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR:

J. M. FERREIRA DO AMARAL

**O PARAÍSO BOLCHEVISTA
E... A MENTIRA****UMA VIAGEM À RUSSIA**1 volume de 230 páginas, brochado **Esc. 10\$00**Pelo correio à cobrança **11\$50***Livro destinado a grande sucesso*Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL****À VENDA****NOVO MANUAL
DO
ELECTRICISTA**

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTOEngenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola
Superior Técnica de MittweidaUm volume de 430 páginas com 246 gravuras,
encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA**Almanaque Bertrand**para **1935****36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO***Único no seu género*A mais antiga e de maior tiragem de tódas as
publicações em língua portuguesa**RECREATIVO E INSTRUTIVO**Colaborado pelos melhores autores e desenhistas
portugueses e estrangeiros**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas.

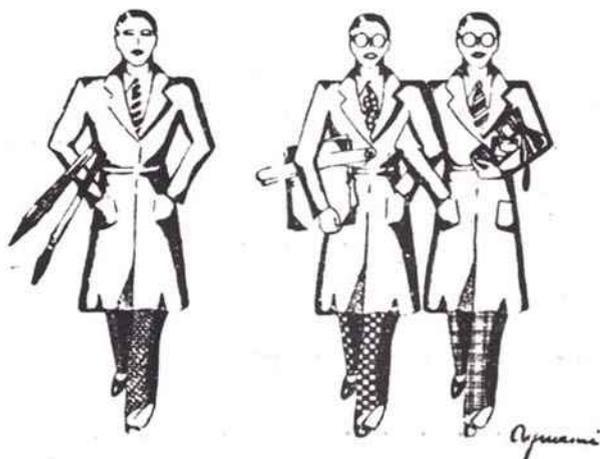
Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteisColaboração astronómica e matemática muito interessante
por professores de grande autoridade nestes assuntos**Encontra-se à venda em tódas as livrarias**Um grosso volume de 384 págs., ornado de 524
gravuras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
21308 **IRMÃOS, L.** DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

SUCESSO DE LIVRARIA

O HOMEM DOS MIL SEGREDOS

ROMANCE
DE *ROCHA JUNIOR*

1 vol. de 232 págs., com capa a
côres de *Stuart*, broch. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Espiandida edição com 480 páginas e 260 gravuras
ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras
ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança
ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidissimo para liquidação dos poucos exemplares
que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72



Porquê?

Por que motivo sofre resig-
nada das suas dôres de
cabeça, se toda a gente
sabe que a Cafiaspirina é
um produto de toda a con-
fiança, absolutamente ino-
fensivo para o organismo,
e que rapidamente suprime
todas as dôres, por vio-
lentas que sejam?

Cafiaspirina



O PRODUTO DE CONFIANÇA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A Alemanha decretou o serviço militar obrigatório e o mundo perdeu a cabeça. Desencadeou-se uma tempestade de tinta que inundou de maldições a cabeça de Hitler. Porque?

Acusaram-no de mal intencionado, de perjuro, tudo por conta da firma que representa e se acha signatária de um compromisso tomado há 17 anos. Em que consistia?

Negaram-lhe o porte de arma proibida, fizeram aviso cominatório e ela teve dar-se por entendida. Assinou a intimidação, lá sabe com que intento escondido na consciência. Não podia deixar de ser. Obrigaram-na, escreveu o nome por baixo. Depois se veria. O tempo passou e calada foi fazendo o que lhe pareceu que consistiu em dar como não existente o que de entrada a gente sensata considerou impraticável.

Proibir a Alemanha de formar exércitos, por que maneira?

Disseram-lhe que soldados, armas, navios e demais instrumentos guerreiros não se lhe consentiam. Ela maliciosa, rindo lá por dentro, disse que sim. E, em vez de soldados fez polícias, gymnastas, milícias e vários divertimentos com marchas e fardas, em que envolveu toda a mocidade. Não adestrou um único aviador militar; adestrou apenas milhares de aviadores; nem preparou atiradores de guerra, limitou-se a preparar atiradores, como preparou navegadores, químicos, electricistas, mecânicos habilitados a mexer em todos os engenhos, seja qual for a sua natureza. Máquinas de paz, ou de guerra são máquinas movidas pelos mesmos maquinistas. Que um caminhão se carregue de pipas, bombas, ou canhões guia-se do mesmo modo.

Ora isto que era assim há muito tempo, porque não podia ser de outra maneira, a ninguém fazia impressão. Com o salvo conduto da hipocrisia as nações consideravam-se felizes, socegadas, isentas de ameaça guerreira. Custa muito a entender o pânico proveniente de cousa nenhuma, visto não haver nada de novo.

Não cresceu o material e pessoal bélico que existia antes da declaração de Hitler. A mais só apareceu tornar-se franco e público o que se sabia por segredo conhecido de todos.

Bem espremida a ocorrência emocionante, resume-se numa crise de sinceridade.

A Alemanha aborrecida por uma vez com a impostura, muito bem aceita por todos, reconheceu que não era sério prolonga-la. Daí mandar bugiar os parceiros e decidir apresentar-se tal qual é, continuação de tal qual era.

CRÓNICA DA QUINZENA

De mudado temos pois uma mentira a menos no baralho internacional. Parece que os criminosos sentem às vezes um anseio irresistível de confessar a verdade minuciosa dos seus crimes.

Talvez que aos aldraboeiros da política aconteça parecidamente o mesmo.

Seja como for ficamos cientes de que a Alemanha volta aos seus antigos amores de andar fardada, em marchas, de espingarda ao hombro.

Não se dá o caso de responder que é lá com ela porque interessa a estranhos perceber se o faz só para regalar o corpo, ou se tenciona regressar ao desporto perigoso de sua predilecção.

Seja como for, há que contar com a sua força e o seu direito legítimo de igualdade no convívio internacional.

Supor exequível manter um povo de setenta milhões de homens, indefinidamente fora da lei comum, era absurdo que só entrava na cabeça de diplomatas, de decrépitos, ou de loucos, como muitos se contaram a reger os destinos do mundo de 1918 para cá.

Sabe-se muito bem que o defeito não assenta nos sistemas, régimens, ou instituições; o defeito é da própria natureza humana, até da inteligência que tanto mais se eleva, mais se complica, tanto mais atinge a clareza, mais se empenha em obscurecer, ou encobrir a verdade mais elemental.

Pelo que veio a público em Espanha e Portugal conclue-se que Azaña e outros meninos gulosos besuntaram a cara e as mãos no doce do iberismo.

Não há que estranhar. Basta-lhes ser castelhanos, ou terem bebido os ventos de Castela, entra-lhes logo no sangue o furor parecido com um fogo de Santo Antão que nunca se extingue.

São todos assim inclinados a tentar-se e cair em cegueira ao menor vislumbre, ou negaça que lhes mostre uma promessa ou simples esperança de modi-

ficar o teor do mapa peninsular. Nem precisa de consistência, ou possibilidade de exito o plano que pode assentar em hipótese absurda. É um delírio não se discute embora haja de reconhecer-se-lhe certa justificação.

Também nós que aqui estamos falando, escrevendo, pensando e sentindo portugueses pela medida de D. Nuno, se fôssemos espanhóis, sofreríamos quesília igual.

Na verdade, olhar para aquela maçã e cortar-lhe a talhada de fora, é de arrastar um santo. Só isso nos leva a não chamar nomes muito feios aos espanhóis metidos no conluio; quasi se desculpa a cisma, uma vez atendida a qualidade castelhana que os distingue.

Quanto aos portugueses, o melhor é crer que não entenderam bem o que fizeram. Cegos por outra paixão não menos terrível que a dos azanheiros desaperceberam-se do precipício a que se atiravam.

A revolta grega terminou depois de fechada a última crónica. O acontecimento merece que se lhe tire uma lição profunda que contém. É a de que nos debates políticos em que se argumenta com metralhadoras, somente são vencidos os governos que fogem. Os que se batem com denodo e decididos a inutilizar o acto revolucionário conseguem sempre realizar o seu intento.

O caso da Grécia veio confirmar a prova três vezes tirada em Portugal nos últimos anos.

Ali juntaram os venizelistas forças consideráveis em que entravam muitas de terra e quasi todas as do mar; não lhes faltava metralha nem dinheiro para adquirir-la. Mesmo assim Tzaldaris, só porque porfiou e confiou sem tibieza, esmagou os adversários numa vitória sem reticências.

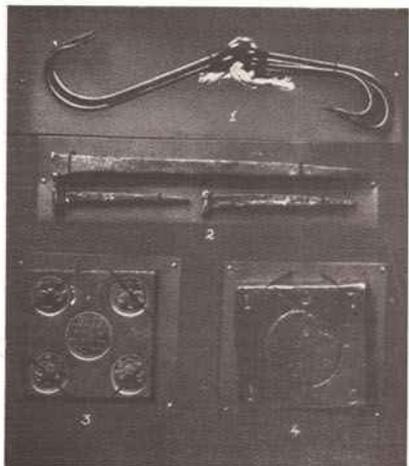
É a repetição linha a linha do que observámos nos últimos movimentos que nos perturbaram o socego.

O prestígio das revoluções em Portugal nasceu de os governos espavorirem ao primeiro tiro e abandonarem o campo.

Não era só de reconhecerem em tórno a falta de fé nos que não gostavam de bater-se. Vinha sobretudo de eles não terem confiança em si e se ageitarem no comodismo da retirada.

A tese confirma se também na vizinha Espanha com o visto na revolução triunfante e nas vencidas. É quanto basta para tê-la como demonstrada e elucidativa.

Samuel Maia.



Surgiu em breve a ideia de uniformizar o peso das barras metálicas. É de crer que a sua autoria caiba aos judeus ou aos fenícios, povos essencialmente mercadores, que viam nisso um meio de simplificar as suas operações. O peso-padrão adoptado por esses povos era designado pelo nome de *sicle*, que significa, a um tempo, *pesar* e *contar*.

Os metais empregados eram, na maior parte dos casos, o ouro e a prata, tal como hoje. Mas onde estes metais escasseavam, como na Itália primitiva por exemplo, circulavam também barras de cobre.

Até aqui, como se vê, embora os metais fossem usados como base das trocas, a moeda sob a sua forma actual não era ainda conhe-

A moeda tem, nos tempos modernos, um significado vastíssimo e um elevado valor simbólico. Nela se consubstancia uma parte considerável dos ideais humanos e quasi todas as relações sociais nela têm expressão mais ou menos directa.

E contudo, não é preciso possuir um profundo espírito filosófico para compreender que a moeda é pura abstracção e que, em vez de representar uma *coisa* apenas exprime uma *relação*.

Nem sempre os povos conheceram a moeda. O seu aparecimento pode fixar-se no sétimo século antes da nossa era. O que corresponde a dizer que não tem ainda três mil anos de existência.

Em tempos mais recuados, a permuta estabelecia-se directamente. As mercadorias eram trocadas por mercadorias. Mas porque esse processo tinha sérios inconvenientes, alguns povos primitivos recorreram a uma mercadoria única, de uso corrente e pouco sujeita a deteriorar-se, por intermédio da qual se avaliam todas as outras. O sal, como substância indispensável à alimentação, foi uma dessas unidades de troca.

Os animais domésticos serviram também a muitos povos como instrumento de permuta. A eles se referia o valor de todas as outras mercadorias. E o que ainda hoje acontece com certas tribus do interior de África. Daí a origem da palavra *pecunia*, que deriva de *pecus*, vocábulo latino que significa na nossa língua *gado*.

Pelo que as investigações arqueológicas revelam sobre as civilizações antigas, sabe-se que a moeda, pelo menos sob a sua forma actual, não era ainda conhecida. Os metais já eram porém usados como padrão de valores. Os baixos-relevos egípcios mostram-nos que eles circulavam sobre a forma de lingotes e de sacos contendo pepitas ou palhetas. Nalgumas regiões da China ainda é este o instrumento de trocas utilizado. E a balança intervem para avaliação do valor.



cida. O ouro e a prata eram, em verdade, mercadorias que, pelas suas propriedades, se prestavam a circular como meios de troca. Faltava-lhe ainda uniformidade, a garantia duma entidade responsável e esse significado abstracto que caracteriza a moeda em nossos dias.

Podem pôr-se esta pergunta: Quem inventou a moeda?

Debalde se tem procurado dar uma resposta satisfatória. Já nos tempos da Grécia antiga as opiniões dos eruditos se encontravam divididas. Uns atribuíam o invento aos habitantes do Lídia, algum tempo antes de Creso. Outros reivindicavam a paternidade para Phidion de Argos.

A realidade duma ou doutra hipótese é muito discutível. O que parece mais provável é que a ideia tenha aparecido espontaneamente sob a pressão das necessidades crescentes duma vida mais intensa.

Governantes ou banqueiros tomaram a iniciativa de marcar as barras metálicas destinadas às trocas com um pincão, que de certo modo garantia o seu toque e peso e assegurava a circulação. As barras metálicas assim marcadas constituem, por isso, o primeiro esboço da moeda.

Usou-se antes disso gravar nos lingotes a mercadoria a cujo valor correspondiam. Certas barras representavam um boi ou qualquer outro animal que em troca delas se podia adquirir. Mas essa relação era restricta e nisso divergia totalmente do conceito actual da moeda.

A partir do seu aparecimento, a moeda atravessou uma longa evolução que as

CURIOSIDADES NUMISMÁTICAS

A INVENÇÃO DO DINHEIRO

DA TROCA DIRECTA À MOEDA EM PAPEL

exigências da civilização aceleraram. Estabeleceram-se sub-divisões do peso-padrão, aumentou-se a uniformidade pela redução do número de tipos e, dum modo geral, os Estados tomaram o monopólio do fabrico da moeda. Nos tempos modernos essa evolução atingiu o seu mais elevado grau com o aparecimento da moeda-papel, de circulação forçada e valor convencional ou representativa de depósitos metálicos na posse do organismo emissor.

Em todos os tempos e, praticamente, entre todos os povos, o metal escolhido para base da moeda foi sempre o ouro. Não é difícil compreender as razões deste facto.

O ouro, no estado puro possui uma maleabilidade e uma ductilidade superior à de todos os outros metais. Quere dizer pode ser reduzido a lâminas ou fios mais finos do que qualquer outro.

A maleabilidade do ouro atinge proporções que um leigo dificilmente pode conceber. Basta dizer que laminando uma porção daquêle metal se podem obter fôlhas cuja espessura é a 12.000.^a parte

dum milímetro. Assim, se se fizesse um livro com doze mil dessas fôlhas a espessura total seria apenas de um milímetro!

Quanto à ductilidade, sucede o mesmo. Com um grama de ouro pôde fazer-se um fio de três quilómetros de extensão!

Além disso, o ouro é considerado inalterável pois não é afectado pela maior parte dos corrosivos. Neste ponto, só a platina o excede. O seu ponto de fusão é a 1.065 graus e volatiliza-se a 2.500.

A sua cor é variável e — caso suprenadente — quando reduzido a fôlhas muito delgadas toma uma bela cor verde.

Foram algumas destas propriedades físicas que, aliadas à sua raridade, o impuseram como padrão ideal das trocas.

Tudo parece indicar que foram os chineses os primeiros a utilizar esse prestigioso elemento. Existem documentos que datam de vinte cinco séculos antes de Cristo e em que se relata a exploração e uso do ouro.

No mundo ocidental o ouro também é conhecido desde a mais alta antiguidade. Mas o desenvolvimento da sua exploração deve-se aos romanos que organizaram uma extracção intensiva em todas as regiões conquistadas, tornando mineiros os seus escravos de guerra. A bem dizer, a circulação mundial do ouro data dessa época.

Modernamente, a exploração do ouro tem sido origem do rápido desenvolvimento de algumas regiões do globo, como sejam a África do Sul e a Austrália, onde os jazigos auríferos fizeram acudir os colonos em grande número.

As gravuras que acompanham este artigo reproduzem parte duma colecção numismática em que a evolução da moeda através dos tempos se encontra largamente documentada. Alguns dos exemplares revestem extraordinário interesse pela luz que lançam sobre os problemas etnográficos, como o leitor poderá observar.

As moedas que aqui figuram são as seguintes:

Na página da esquerda, ao alto: 1 — anzóis usados como moeda pelos pescadores das ilhas de Alaska; 2 — pregos forjados que tiveram curso na possessão britânica da Nova Inglaterra; 3 e 4 — dois exemplares de moedas rectangulares datadas do século XVII.

Ao centro da mesma página vê-se um lingote metálico em cuja superfície está gravado um boi. Como acima dissemos, a imagem representativa, neste caso, o animal que em troca da barra se podia adquirir.

Ainda na página da esquerda, em baixo, vêem-se: 1 — moedas nipónicas

de formas irregulares; 2 — miniaturas de pirogas; 3 — dinheiro turco em forma de prato; 4 — japonês, em forma de unha; 5 — raiz de lírio, usada na China; 6 — uma carranca chinesa; 7 — dinheiro em forma de campânhas ou chocalhos; 8 — moeda egípcia de vidro; 9 — moeda chinesa perfurada, do século VII; 10 — dinheiro em vidro, de origem marroquina; 11 — diversas moedas dos tempos da civilização faraónica; 12 — uma antiquíssima moeda chinesa que representa grosseiramente um corpo humano e que servia talvez para comprar vestidos; 13 — moedas mexicanas de cabedal; 14 — dardos chineses; 15 — dinheiro em porcelana do Sião, Ceilão e outros países; 16 — moedas chinesas de cartão.

Na página oposta vê-se, em cima, uma curiosa e antiquíssima gravura representando o trabalho de pesquisa e extracção do ouro; e em baixo: 1 — um grupo de moedas marroquinas, ligadas num molde, mas separáveis para efeito de trocos; 2 — as mesmas moedas depois de separadas; 3 — moeda zulu, em forma de anel; 4 — colecção de moedas do Malaca, em forma de árvore, que se presta para subdivisões quebrando a haste que as liga; 5 — dinheiro em circulação entre algumas tribus africanas e que re-



presenta miniaturas de armas grosseiramente modeladas em metal.

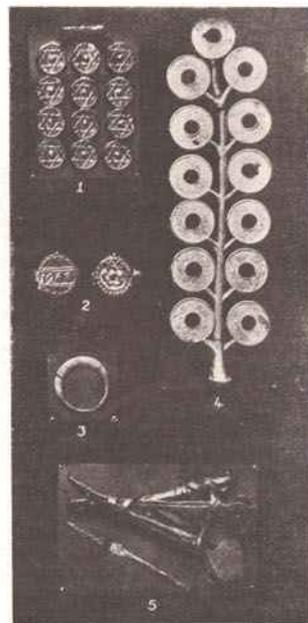
Para terminar referir-nos-emos a uma pitoresca unidade monetária que, segundo cremos, circula ainda entre os habitantes de Lorvão. Como a principal fonte de riqueza da região é a indústria caseira de palitos, o maço destes tem curso como moeda e serve de base à realização do grande número de transacções.

Todos os problemas relativos à moeda têm, como é evidente, uma enorme importância na vida dos povos.

Diversos economistas célebres, entre outros o professor Cassel, são mesmo de opinião que a actual crise mundial é, sobretudo devida a que a quantidade de moeda em circulação aumentou menos rapidamente do que a produção. Assim, a oferta e a procura ficaram desequilibradas e este desequilíbrio conduziu ao aviltamento dos preços.

Este critério peca talvez por um certo exagero. Mas põe em evidência a importância do papel social que se atribue à moeda.

Contra o ouro levanta-se ainda a questão da sua possível falta num futuro próximo. A exploração dos jazigos auríferos faz-se cada vez mais intensamente. Nos quatro anos que vão de 1929 a 1932 a produção mundial foi, respectivamente de 609, 631, 689 e 742 toneladas. A aumentar nesta progressão pode prever-se que dentro de alguns decénios as reservas naturais conhecidas se encontrarão esgotadas.



O Intendente
Geral da
Polícia de
D. João VI, que

PINA MANIQUE—AMIGO DO POVO

a tradição nos apresenta como um tiranete cercado de esbirros, à espreita de tôdas as ocasiões para perseguir e encarcerar a tôrto e a direito, teria sido, hoje, não apenas um excelente juiz de investigação criminal, mas um formidável estadista.

Inimigo encarniçado da desordem, reagiu tenazmente contra o avanço das ideas revolucionárias, de que a França era o archote incendiário, e contra a indisciplina que germinou após a queda do Marquês de Pombal.

Apóstolo do progresso e verdugo dos liberaes, Pina Manique, incarnado neste antagonico dualismo, cometeu, por vezes, violências, para os quais nós, a uma grande distância da sua época, não achamos razões absolutórias. No entanto, o país deve-lhe incalculáveis serviços!

Reproduzo, a seguir, uma determinação transmitida em circular a todos os juizes de fora, e que suponho inédita, a qual honra extraordinariamente o homem que a elaborou e assinou:

"Sendo hum dos principaes objectos da Policia e da Recomendação de S. Mag.^{de} vigiar, e fazer examinar com toda a exacção os mantimen.^{tos} e Viveres, q. se expoem á venda pública p.^a o diario sustento dos Povos, e impedir q., entre elles se não introduzão alguns de má qualid.^e, avariados, e com corrupção damnosos á Saude dos mesmos Povos, o que m.^{tas} vezes acontece pella avareza dos Comerciantes, que faltos dos sentimen.^{tos} da humanid.^e sacrificio aos seus interesses a saude e vida dos seus concidadosens, e tendo só os olhos fitos nos vantajosos Lucros atropellão todas as Leys, q. se dirigem á Conservação dos Habitantes de qualque.^r Pais. e para se cohibir, e cortar pella raiz esta negociação tão damnosa ao Publico e prejudicial ao Estado, V. M.^{ce} em prim.^o Lugar mandará notificar a todos os Moleiros da sua Jurisd.^{am} p.^a nos seos Moinhos não moerem Trigos de má qualid.^e, avariados, ou corruptos, debaixo da pena q. sendo lhes achados ou constando com certeza, q. nos seos Moinhos se moerão de lhes impor a Corporal de seis mezes de prisão, e a pecuniaria de secenta mil rs. applicados a favor da Casa Pia do Castello desta Cid.^e: em segundo

Lugar mandará notificar a todos os Tendr.^{os} e Vivandr.^{os} para não venderem viveres ou mantimen.^{tos} com corrupção, que possam causar prejuizo á saude desses Pcvos, debaixo das m.^{tas} penas e das mais q. V. M.^{ce} vestoria



com Peritos nos mantimentos e Viveres q. presentemente tiverem expostos á venda, e achando alguns incapazes de consumo os apreghenderá e porá em segur.^a remetendo-me delles hua R.^{am} com os nomes das Pessoas em cujo poder se acharem p.^a lhe resolver o q. deve obrar a este respeito.

Tendo já recomendado a enxertia dos zambujr.^{os} e limpeza dos chaparros em q. devem ter o mayor cuid.^o os Senhores das Fazendas e Terras onde os m.^{mos} se acharem abrotados para mayor utilid.^e sua e benef.^o do publico e vendo q.^e estes só cuidão em perceber as suas rendas sem a despeza de as beneficiarem com aqueles augm.^{tos} de q.^e resulta tanta utilid.^e aos Povos mandará V. M.^{ce} notificar aos m.^{mos} Senhorios para q. no prefixo tempo de dois ann.^s mandem enxertiar todos os zumbujeiros, e limpar os chaparros, que se acharem nas Suas Terras e Fazendas e sendo m.^{ores} fora do seo Districto mandará notificar aos seos Rendr.^{os}, Cazr.^{os}, ou Proc.^{ores} p.^a que assim o executem e no caso de o não fazerem mandará V. M.^{ce} fazer os referidos enxertos e limpeza em tempo habil e p.^r Pessoas peritas p.^r conta

dos m.^{mos} Senhorios, obrigando a estes ou Seos Rendr.^{os}, Cazr.^{os} e Adm.^{ores} a pa-

garem executivam. toda a despeza que se fizer cominando-lhes Logo esta pena no acto da not.^{am} p.^a se poder conseguir a m.^{ma} enxertia e Limpeza no sobred.^o tempo. V. M.^{ce} me dará p.^{te} de todos os cazos mais notaveis q. acontecerem no seo districto pello corr.^e sucessivo ao seo acontecim.^{to}, assim dos roubos, assassinos, mortes violentas e apressadas, fogos, innundações, secas, partos monstruosos de gente ou irracionaes, propinações de veneno, epidemias, grandes embustes, e introduções de generos avariados e damnosos á saude, como de todos os mais, q. pella sua qualid.^e se fação dignos de attenção e recomendaveis á memoria ou seião daquelles q. a Just.^a pode e costuma remediar, ou meram.^{te} obrados por causas naturaes, as quaes deverão vir circumstanciadas de forma q. se possam por na Prezença de S. Mag.^{de} não tendo V. M.^{ce} precizão de escrever-me, q.^{do} não houver acontecim.^{to} algum notável, pois que eu fico na certeza de q. o não houve todas as vezes q. não receber carta sua.

Igualmen.^{te} me remeterá V. M.^{ce} hua Rellação dos roubos, assassinos q. ha cinco annos a esta parte se tem committido no seo Districto, especificando nelle as suas qualid.^{des}.

No fim de cada hum anno deve V. M.^{ce} tambem remetter a esta Intend.^{cia} hua R.^{am} exacta do numero

das Pessoas myores e menores de ambos os sexos q. no mesmo anno falecerão e tambem dos q. nascerão nessa V.^a e seo Termo.

Averiguará V. M.^{ce} o estado em q. se acha essa V.^a e Lavr.^{ores} do Termo a respeito do Pão p.^a o seo annual sustento e se tem os viveres precizos, examinando pellos Dizimos as quantid.^{es} que na colheita prez.^{te} se recolherão e se poderá chegar p.^a o sustento dos seos habitantes e p.^a sem.^{te} das futuras sementr.^{as}, dando-me parte de tudo o que houver a este respeito.^{to}.

Deus g.^{de} a V. M.^{ce} Lx.^a 7 de outr.^o 1801
(a) Diogo Ignacio de Pina Manique..

Como se vê, a determinação, dirigida ao juiz de Fora de vila de Mafra, teria ainda, no presente momento, a mais flagrante oportunidade e mereceria com certeza o aplauso unânime de todos os portugueses honrados e amigos do progresso da sua terra.

Angelo Pereira.

AS REVELAÇÕES DA ARQUEOLOGIA

A antiguidade das touradas

Há três mil anos já se praticava em Creta um desporto em que a agilidade do homem defrontava a ferocidade do touro

Os aficionados da tauromaquia terão de certo curiosidade em saber que o seu desporto favorito tem uma antiguidade muito maior do que à primeira vista se poderia imaginar.

De facto, já 2500 anos antes da nossa época se praticavam na ilha de Creta jogos em que o homem opunha a sua destreza à força do boi bravo, e que podemos considerar, por isso, como verdadeiros antepassados das touradas contemporâneas.

Na ilha de Creta florescia, há quatro milênios, uma importante civilização. Conhecem-se sobre ela diversos pormenores através das descobertas arqueológicas que um grupo de sábios ali efectuou há poucos anos.

Sabe-se por isso que os cretenses se entregavam à lide de touros e que esse desporto gozava de grande popularidade entre os habitantes.

Um dos achados a este respeito mais elucidativos é o fresco do palácio de Knossos, trazido à luz no decurso de excavações a que ali se procedeu. Essa notável obra de pintura, de que damos nesta página uma reprodução, mostra-nos uma cena de tourada. Permite o acaso que fosse encontrada quasi intacta e a sua observação esclarece-nos sobre o modo como a tauromaquia era praticada nesse tempo pelos habitantes de Creta.

Como ao primeiro exame se nota, a tourada pré-histórica diferia profundamente da actual tourada portuguesa ou espanhola. Há razões para crer que a rez não era sacrificada, excepto em determinadas cerimónias religiosas. A lide cretense era, por isso, um espectáculo incruento em que os toureiros se limitavam a fazer uma arriscada exibição de agilidade e coragem.

Tudo o que o toureiro tinha a fazer era aguardar a investida do animal e no momento oportuno agarrá-lo pelas hastas. Devido ao impulso da marrada, o toureiro era então projectado ao ar, executava um difícil salto mortal e ia cair sobre o dorso do touro, donde escorregava para o chão.

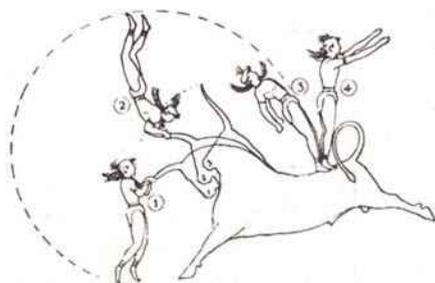
Como se calcula, esta proeza acrobática en-

volvia grandes riscos e exigia agilidade e audácia pouco vulgares.

O mais curioso é que tão perigoso desporto era também praticado por mulheres.

Para tomarem parte nas touradas, costumavam elas envergar trajes masculinos. Aparentemente nada as diferenciava dos homens. Mas os frescos representam-nas com uma tez mais clara, segundo uma convenção da pintura desses remotos tempos, já anteriormente adoptada pelos artistas egípcios.

Outro curioso aspecto destas touradas pré-históricas é que tinham um carácter religioso. Os habitantes de Creta adoravam nesse tempo uma deusa de que se descobriu há cerca de quatro



Desenho mostrando em que consistia a proeza acrobática dos toureiros de Creta. Os números 1, 2, 3 e 4 indicam as posições sucessivas do toureiro quando projectado no espaço

anos uma preciosa imagem criselefantina, isto é, feita de marfim de ouro. Atribuíam a essa enti-



Imagem criselefantina da Deusa de Creta que presidia as touradas

dade divina um grande interesse pelas touradas, de modo que os templos que lhe eram dedicados dominavam sempre uma arena. A deusa era, assim, uma protectora dos toureiros que a ela se confiavam para executar as suas arrojadadas proezas.

Se pretendemos remontar ainda mais no tempo, veremos que este curioso costume não é originário de Creta. É de supor que ali fôsse introduzido vindo do Oriente. O touro foi, de facto, considerado por muitos povos como um animal sagrado e estas lutas rituais em que o homem se empenhava contra ele devem ter sido praticadas muito tempo antes da época a que nos referimos. Uma prova disso está nalguns cilindros de Cappadocia, muito mais antigos, em que se vêem dois jovens acrobatas junto dum touro.

Esses factos perdem-se, porém, na noite dos tempos e não se conhecem ainda documentos suficientes para o seu completo esclarecimento.

Do que não pode haver dúvidas é que muitos séculos antes da nossa era já em Creta existia um espectáculo tauromáquico que podemos imaginar cheio de beleza e emoção.

Os aficionados da tauromaquia terão, deste modo, mais um motivo para justificar a sua predilecção — a antiguidade dum desporto cuja origem remonta aos alvares duma das mais remotas civilizações e que constituiu parte integrante dum culto religioso.

Tratar-se-á duma simples coincidência? Ou ter-se-iam os jogos cretenses transmitido através dos séculos, evoluindo de modo a revestirem hoje a forma das touradas modernas?

Eis o que não sabemos dizer.



Um fresco do palácio de Knossos representando um aspecto do jogo tauromáquico



É facto averiguado que o circo vai caíndo em desuso, suplantado no gosto do público por outros géneros de espectáculo.

Esse facto não lhe fez, contudo, perder as características que há séculos mantem. E assim, o circo continua a ser um mundo estranho, apartado da realidade, onde o grotesco e o alucinante se confundem.

O que dá ao espectáculo de circo o seu principal carácter de mistério e fascinação é que cada artista arrisca na arena, para divertimento do público, aquilo que possui de mais precioso — a própria vida.

É por isso que a história do circo constitui um extenso martirólogo em que há páginas gloriosas e dramas pungentes. Evoquemos alguns.

Conhecem esse exercício de acrobacia designado por "salto mortal"? Pois o nome não é aqui uma figura de retórica mas uma realidade amea-

O emocionante espectáculo que consiste em saltar de facas em alto voo.

çadora que o artista afronta. A força de o vermos executar chegamos a convencernos da sua simplicidade. E contudo muitos acrobatas nêle têm encontrado a morte. Basta um desvio mínimo para que o saltador, em vez de cair de pé se despenhe com o crânio contra o solo.

O historiógrafo de circo italiano Saltarino estabeleceu há anos uma lista dos acidentes funestos do duplo salto mortal que abrange um período de sete anos apenas. As vítimas são: Muller, em Karlskrona, em 1886; Bourgeois, em Tolouse, em 1888; James Wise, nos Estados Unidos, em 1889; Ulrich, em Nordlingen, em 1890; Toner, em Painsville, em 1893. Vem a propósito dizer que o primeiro acrobata que em 1842 realizou esta difícil proeza, morreu tempo depois vítima da sua audácia.

Um dos incidentes mais dolorosos que os anais do circo registam é, sem dúvida, o do acrobata Risley. Este artista apresentava-se em público com duas crianças que lançava ao ar, apanhando-as depois nos seus braços robustos. Certo dia, um movimento errado fez com que a criança caísse na pista e fracturasse a coluna vertebral. A infeliz pouco tempo teve de vida e Risley atormentado pôs termo à vida, suicidando-se.

Boswell, um palhaço britânico que foi célebre também tombou morto na arena, fulminado por uma congestão, quando fazia o equilíbrio com a cabeça assente sobre um garrafa.

Os voadores têm fornecido também grande número de mártires do circo. He-

Em cima: O domador Charles com as suas feras, segundo a gravura de Emmy Henry. A direita: Martin, outro domador célebre do século passado, com o seu tigre Air.



Avia-se a terminar o número, a "artista" lançava-se do trapézio para a rede. Ao contrário do que o espectador profano pode supor, um salto desses require longa prática e não se faz sem risco. Olga Pospichill ao saltar teve a infelicidade de se lhe prender o maillot a um gancho de ferro. Isso fê-la perder o equilíbrio e precipitar-se no espaço de cabeça para baixo. Ao ter a intuição de que ia bater com a cara na rede, o que por certo a desfiguraria, Olga Pospichill tentou desviar-se. Foi a nuca que recebeu o terrível choque que a matou.

Outra mulher vítima deste arriscado género de exercícios foi Lilian Leitzel. A rutura dum cabo num circo de Copenhague fê-la tombar sobre a plateia, indo esmagar a cabeça contra uma cadeira de orquestra.

Muitos artistas masculinos desta difícil especialidade perderam também a vida no decurso de exhibições. Entre outros o célebre "Braço de ferro", da "troupe" dos Hanlon-Volta que, num salto mal calculado, veio cair fora da rede,

PARA DIVERTIR O PÚBLICO...

Mártires do circo

Alguns epílogos trágicos na carreira de artistas que, pela vida e, às vezes, a perdem

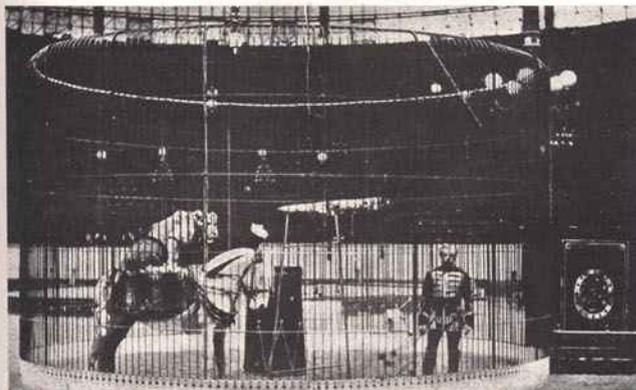
A profissão de equilibrista é das que tem contribuído com maior número de vítimas. Figura entre elas o funámbulo Emilien Castanet, cuja morte ocorreu em circunstâncias singulares.

Na noite de 16 de Setembro de 1888, Emilien Castanet tinha resolvido fazer uma travessia aérea sobre o campo da feira de Angers. Levava na cabeça um capacete guarnecido de peças de fogo de artifício a que no meio do caminho lançava fogo.

Tudo correu bem. Mas quando ia a chegar à outra extremidade do fio, um petardo que se atrasara explodiu. Desorientado, Castanet teve um movimento em falso, desequilibrou-se e caiu. Ficou com uma perna fracturada e graves lesões internas de que veio a morrer algumas horas depois.

Esse emocionante exercício que consiste em espetar facas ou punhais em volta dum corpo humano foi já motivo de um drama. Ambrose Marseille, que fez a delícia dos franceses na feira de Neuilly, varou um dia com a faca o coração da rapariga que lhe servia de alvo. A partir desse dia nunca mais nos seus lábios perpassou a sombra dum sorriso.

Rastelli foi um dos *jongleurs* mais prodigiosos que o Mundo tem conhecido. As suas mãos pareciam desmentir as leis



Wilhelm Philadelphina com o numero que faz o primeiro a "apresentar" de um leão-cavaleiro

do equilíbrio. Morreu também vítima dum acidente. No decurso dum dos seus números feriu-se na boca. Com tanta infelicidade que lhe sobreveio um fleimão que em poucos dias pôs fim à sua carreira brilhante.

Como se calcula, é com os domadores de feras que os desastres são mais frequentes. Nem tem conta o número dos que pereceram vítimas da cólera dos animais. Um deles foi o domador Lucas, devorado pelos seus leões em pleno espectáculo no "Hippodrome" de Paris em 18 de Agosto de 1869. Dez mil espectadores assistiram impotentes a essa cena horrível. Mas devemos reconhecer que os tempos eram outros porque um jornal humorístico não

teve escrúpulo em lançar mão do assunto publicando uma caricatura que reproduzimos aqui junto e em que se vêem os leões de garfo em punho prontos a banquetearem-se com o infeliz domador.

Marguerite Haupt, uma mulher domadora que se tornara célebre por introduzir a cabeça nas fauces dum leão, succumbiu em 1912, durante um ensaio no circo berlinense Busch, a um movimento de mau humor da fera que a decapitou.

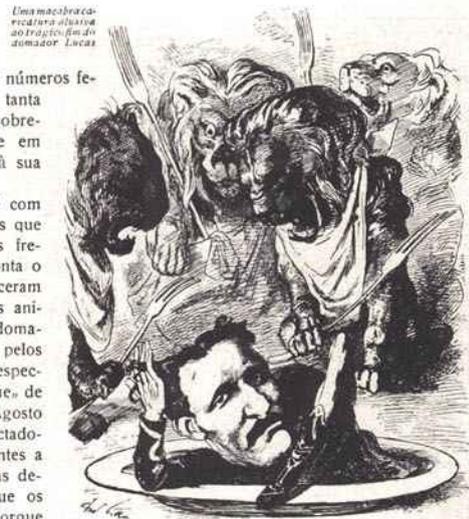
O tigre gigante "Bengali", que tem sido exibido por quasi todas as capitais da Europa e da América tem no seu activo dois domadores. São êles Molier e Varnick, que morreram às suas garras possantes, respectivamente em 1927 e 1930. Os elefantes apesar da sua docilidade,

também já têm feito vítimas. George Lockhardt figura entre elas. Wilhelm Philadelphina, o domador que primeiro apresentou em público um leão cavaleiro, foi também morto por um elefante enfurecido. Embora os riscos sejam menores, também encontramos mártires do circo entre amazonas de alta escola. Uma delas Emilie Loisset, teve um fim trágico que tem o sabor duma verdadeira novela.

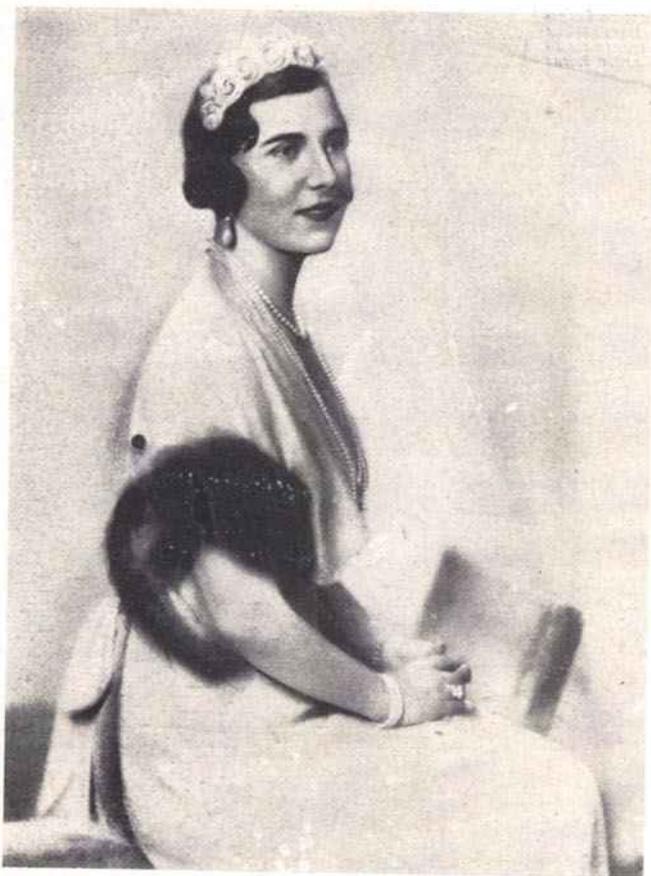
Em Março de 1882, a jovem e formosa *écuyère* dava no Cirque d'Hiver as suas últimas representações. O príncipe de Hatzfeldt, que por ela se apaixonou, pediu-a em casamento. Emilie Loisset ia deixar, portanto, a vida do circo para se consagrar ao lar. Uma tarde em que ensaiava o seu número, a montada tentou voltar para a cavalaria. Alguem teve a infeliz ideia de lhe barrar o caminho, e fechou para isso a porta. Ao deparar com o obstáculo, o cavalo empinou-se e caiu. A pobre amazona ficou com os intestinos perfurados pela forquilha da sela e faleceu dois dias depois. No seu delírio cantava a "Valsa das Rosas", que a orquestra costumava tocar quando ela entrava em cena.

Ainda há pouco no Luna-Park de Paris Enrico Pissuti quando ensaiava o seu número escorregou do cavalo e tombou sobre a pista. Fracturou a espinha dorsal e morreu poucas horas depois no hospital. Sua irmã morrerá anos antes num circo de Kiev, vítima dum desastre idêntico.

E tantos, tantos mais que para os enumerar não chegam os limites dum artigo.



Uma macabra caricatura alusiva ao trágico fim do domador Lucas



A formosa princesa Ingrid da Suécia

O ROMANCE NA VIDA REAL

Uma princesa de conto de fadas

paterno o rei Gustavo não sabe o que ha-de fazer para agradar à sua encantadora neta.

Fazer aparecer um sorriso nos seus róseos lábios, fazer fulgurar esses claros olhos, que tão cedo choraram a perda de sua mãe, são as mais suaves alegrias para esse homem de setenta e seis anos que tem o duro, o ingrato ofício de reinar.

Ingrid filha única, neta adorada, deve parecer que será uma autoritária princezinha, que a todos deve querer dobrar aos seus caprichos, impor à sua vontade de mimada princesa real, de orgulhosa descendente de reis.

Mas como se engana quem isso supõe. Ingrid é uma menina simples e sem vaidades. Duma doçura de carácter que a torna querida de

todos. Amável como poucas todas as suas companheiras de infância a adoravam, tôdas as suas amigas da juventude têm por ela a maior dedicação.

Desportiva como tôdas as raparigas do seu país, que se defendem com o exercício e com o desporto da inclemência dos longos dias de inverno. Ingrid é também uma das raparigas mais cultas da sua época, tendo pelo estudo uma verdadeira atração e detestando a ociosidade. A sua esmerada educação é completa.

Não desconhece a linda princesa os trabalhos de mãos, os chamados labores, que são sem dúvida indispensáveis na educação feminina. Desembaraçada e corajosa, Ingrid, é muito feminina na vida íntima, duma doçura que faz com que faz que seja quasi impossível negar-lhe seja o que fôr.

Ingrid impõe-se pela doçura do seu carácter, como poderia se quizesse, impor-se pelo autoritarismo da sua vontade. Com a diferença que se assim fôsse seria obedecida pela fôrça e assim é-o pelo affecto e pela dedicação.

Mas havia um ponto de interrogação, na vida da princesa. Quem será o feliz príncipe que conseguirá obter a melhor jóia da corôa sueca?

A notícia do seu noivado com vários príncipes já foi dada, mas eram notícias prematuras que nada justificava e o coração da doce princesa só agora falou e fez a sua escolha que todo o país esperava.

Ela era a noiva de todos os países da Europa, onde ainda há reis e príncipes, que façam re-
ver os velhos contos de fadas.

Em toda a parte onde havia um príncipe em idade de casar, havia um retrato da linda princesa, discutiam-se as vantagens dum enlace, mas parece que Ingrid rapariga moderna, não se sentia com o desjo de se sujeitar à razão de Estado, essa fria e dura razão de Estado que com a sua deshumana fôrça tem esmagado tanto coração de vinte anos que batia em peito de jovens princesas que outros sonhos cor de rosa afagavam e que viram murchar e fenecer a «fleur bleue» do sentimento, que as vantagens para o país calcavam, sem dó nem piedade.

Ingrid resistiu não com imposições mas com um doce sorriso a que um coração de pai, que outras filhas não tem, não sabe resistir e que um avô seja ele rei ou não, não vê sem sentir as lágrimas nos olhos.

Agora fez a sua esperada escolha a bela princesa. O homem feliz que tem de a fazer feliz, porque na sua energia de mulher consciente, Ingrid quer ser feliz. É o príncipe herdeiro da Dinamarca.

Tem sido tão feliz nessa suave vida de família, da família real da Suécia que tinha razão de ser difícil na sua escolha a real menina.

O príncipe da Dinamarca educado numa família de iguais tradições e conhecendo-se desde crianças satistaz plenamente a ambição de felicidade da jovem princesa e como nos contos de fadas serão muito felizes e terão muitos meninos.

O retrato que hoje damos da princesa em que floresce o seu doce sorriso de creança mimada e feliz foi tirado numa encantadora intenção.

Entre muitos outros foi oferecido a seu avô, o rei Gustavo no dia em que ele fez setenta e seis anos.

Que melhor presente pôde receber um avô de que esse lindo retrato em que a sua neta vestida de branco com o seu diadema de pérola.

As pérolas nas orelhas e guarnecendo o seu juvenil busto em precioso fio, ornando-lhe os pulsos em braceletes e os dedos em anéis é a personificação da mais pura e bela juventude.

Com que ternura não foi recebido, e, é essa certeza que entreabre num sorriso confiante e feliz os lábios da neta adorada e afetuossíssima. O príncipe que num impulso de amor foi buscar ao seu país de cristal e gelo, de flôres e dia, a deliciosa princesa, tomou um grande encargo porque tem de a fazer feliz como ela o era no seu palácio de Estocolmo, a cidade da civilização, do acieo da ordem e da democracia. Mas em Copenhague espera a uma vida feliz. Nesse país onde o rei convive com os seus súbitos e onde as princesas são queridas como pessoas de família, Ingrid será feliz como o era na Suécia. Sai dum país de sonhos e entra noutro bem igual.

Como vêem, ainda há por esse mundo lindos romances de amor. É como se a vida, nos seus momentos felizes, se occupasse em reconstituir o que os poetas imaginam.

Maria de Eça.

COMO nos contos que embalaram, que distraíram, que encantaram a nossa infância, ainda há princesas em países encantados, que esperam sorridentes na sua florescente mocidade, o príncipe que ha-de quebrar o encanto e que as fará conhecer o amor e muitas vezes a glória de ser rainha, ser muito feliz e ter muitos filhos, como é sempre o fim dos ingénus contos que fizeram as delícias de nossos avôs, de nossos pais, as nossas, de nossas filhas e farão mais tarde pelos séculos fóra a de nossos netos.

Num país de sonho onde os longos meses de inverno, são como um suceder de brancas neves e fios de cristal de gelo, onde os palácios têm o aspecto de diamantes, onde há meses que se não vê o sol, em que há dias que a luz não consegue vencer a sombra das negras trevas, mas onde a Primavera rompe subitamente, num florir róseo, que torna luminoso todo o país, onde a florescência é tão exuberante que os campos são tapetes de flôres, e, o verão é uma sequência de luz sem interrupção.

A meia noite brilha o sol em todo o seu esplendor escondendo-se uns minutos para reaparecer novamente em toda a sua beleza espargindo o calor dos seus raios e a sua luz vibrante, como numa compensação aos longos dias de inverno sem luz e sem alegria. Existe aí uma encantadora princesa.

E como nos contos de fadas podemos dizer: era uma vez uma princesa linda como o sol, bôa como o pão, loira como uma estriga, os olhos de cor do céu, que a todos encantava.

Essa princesa não é um mito como os dos lindos contos, essa encantadora menina é a princesa Ingrid da Suécia. Filha única do príncipe herdeiro da corôa, Ingrid é filha da princesa Margarida de Connaught já falecida e neta de sua Alteza Real o Duque de Connaught. Seu avô

AS GRANDES DESCOBERTAS

Um novo "vidro"

que pode ser extraído do carvão,
da água e do ar

Nos tempos modernos as invenções, sucedem-se em tão grande número que muitas delas passam despercebidas do público, pouco ao corrente, em geral, do labor dos sábios.

Mas há algumas de tamanha retumbância e tão fundas conseqüências na vida dos povos civilizados que não é possível passá-las em claro. A descoberta da resina sintética está nêstes casos.

Em que consiste a resina sintética?

Num producto de grande transparência que, por meio de complexas operações, os sábios do instituto britânico «Imperia! Chemical Industries» conseguiram extrair do carvão, da água e até... do ar!

A descoberta é ainda muito recente para que se possam avaliar todas as suas conseqüências técnicas. O novo produto vai revolucionar toda a indústria e abrir-lhe inesperadas perspectivas.

De facto, a resina sintética tem como característica principal uma absoluta transparência, que pode ser comparada á do cristal utilizado na fabricação de lentes. Está, portanto, indicado como excelente sucedaneo do vidro.

Mas o mais importante é que o novo produto está isento do pior defeito do vidro — a fragilidade. De facto, a resina sintética é, praticamente, inquebrável e só este facto impõe-a desde já vitoriosamente.

Se continuarmos na apreciação das propriedades da nova substância descoberta pelos sábios

Nos domínios da física, a nova substância revelou-se extraordinariamente permeável aos raios ultra-violetas. Neste capítulo só o quartzo têm sobre ela superioridade.

Podem dar-se á resina sintética todas as cores imagináveis. De facto, como a fabricação se faz pelo progressivo engrossamento dum líquido, basta que nêle se encontre diluído qualquer corante para que a resina resulte com a cor desejada.

Não é necessário entrar em pormenores sobre as propriedades dêste maravilhoso sucedaneo do vidro para que se avaliem a mil e uma aplicações que irá ter. Assim pode já prever-se que muito em breve o veremos empregado nos aviões, porque ao facto de ser inquebrável reúne a importante qualidade de ser mais leve.

Pela sua natureza, a resina sintética, não é, como o vidro, fria ao tacto. Poderá ser, portanto, empregada no pavimento de casas de banho, por exemplo. E substituirá com vantagem o vidro em certos instrumentos cirúrgicos.

No campo da arte, em especial, o futuro da resina sintética é, tanto quanto possível promettedor. Decoradores, escultores e architectos têm nela um novo material que lhes dá incalculáveis possibilidades.

Um grande escultor, Maurice Lambert, foi já seduzido pela beleza do novo produto e nêle talhou dedicadas obras de arte que estiveram pa-

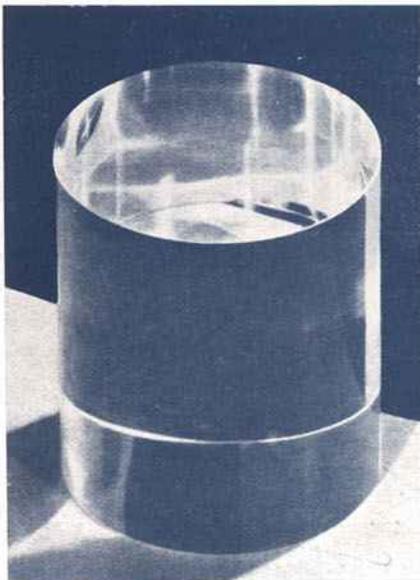
tentes ao público inglês na exposição da «Arte Britânica na Indústria» realizada no mês findo em Burlington House.

O escultor Maurice Lambert trabalhando com o novo material

Para os técnicos, o novo produto só tem um defeito. Lá diz o ditado que «não há bonito sem senão». Neste caso, o «senão» consiste em fundir a uma temperatura relativamente pouco elevada. Mas esse inconveniente é compensado por um número muito maior de vantagens.



Uma caixa feita com o novo vidro, mostrando os belos efeitos que se podem obter



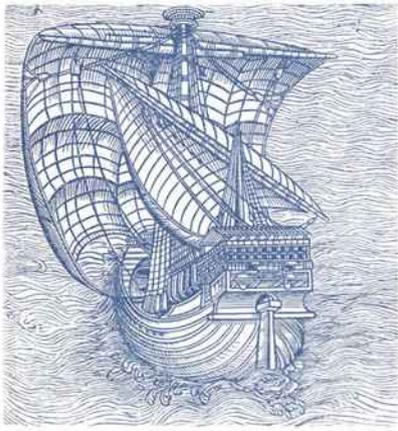
Um cilindro de resina sintética



Uma taça em resina finamente modelada e de excelente aspecto decorativo

inglês encontraremos muitos outros motivos de admiração. O seu peso específico, por exemplo, é de cerca de metade do do vidro vulgar. Outra característica importante é a de que, quando aquecida a uma temperatura moderada, a resina sintética torna-se plástica e pode ser lavrada como a madeira, o metal ou o mármore.

A resina sintética não passa por enquanto dum produto de laboratório, produzido em pequenas quantidades e por alto preço. A sua industrialização, contudo, não deve tardar. E no dia em que ela tiver entrado no domínio da vida prática, caber-lhe-á sem dúvida um lugar importante nos nossos hábitos quotidianos.



Não do fim do século XV com vento de costado

Espanha ou a qualquer outro país que dê mais careça? Se ainda nos ficam tantos e tão gloriosos, deveremos acalentar uma tão sórdida avareza? Se o ilustre Fernão de Magalhães, ao sentir-se desprezado pelo seu rei que deveria ser grato aos serviços prestados, foi pugnar pelo triunfo do leão de Castela, devemos exigir parte nos benefícios obtidos?

Mas se a história dos descobrimentos está cheia de heróis portentosos, que nos pode interessar mais um que tivesse ido servir outra pátria?

Foi-se a Índia, mas ficou o Brasil cada vez mais cheio de atractivos, não só para a América, mas para todo o mundo civilizado.

Foi ainda em Abril de 1504 que o valente Duarte Pacheco derrotou os soldados do rei de Calecut, após uma luta formidável e desigual que só pode encontrar analogia nos grandes feitos que a antiguidade consagrou por entre fumos de lenda.

Foi também em Abril que Afonso de Albuquerque, auxiliado por Tristão da Cunha, tomou e ocupou Socotórã.

Em 2 de Abril de 1512 tomou Benas-



Afonso de Albuquerque

«ABRIL — águas mil...» — diz o povo firmado na sabedoria que a experiência lhe tem dado.

Água, muita água, caída do céu, engrossando riberões que fazem os grandes rios e todos vão dar ao mar. Eis a circulação do sangue do povo português que teve no Oceano a sua mais bela glória.

«Abril — águas mil...» — diz o povo na sua sapiência que é ainda a única que nos pode merecer algum crédito.

Devemos um culto especial a este mês que foi sempre o mais propício aos grandes heróis da nossa epopeia marítima. Evoquemos. Foi no dia 7 de Abril de 1498 que Vasco da Gama fez a descoberta de Mombaça, tendo feito, oito dias depois, a sua entrada triunfal em Melinde.

Se, etimologicamente, Abril é o *aprilis* que vem do verbo *aperire* (abrir) estava naturalmente indicado para auxiliar aqueles que pretendiam abrir caminho à civilização através do mundo inteiro.

Em 20 de Abril de 1500, Pedro Álvares Cabrel descobriu o Brasil, torrão encantador que ainda hoje nos atrai e desvanece.

Bastaria este feito para nos tornarmos credores da admiração do mundo inteiro. A todos os que tentam decifrar o enigma da nacionalidade de Cristóvão Colombo, acumulando hipóteses acérra da sua origem portuguesa, poderemos dizer que mais um navegador numa terra de tantos e tão ilustres, não será coisa para impressionar a alma mais ingénua.

Se Portugal descobriu as Índias e as foi distribuindo prodigamente por aqueles que nada tinham, porque não há de ceder o seu Colombo à Itália, à

ABRIL — AGUAS MIL

Evocando a nossa epopeia marítima foi este o mês mais propício aos grandes descobrimentos

terim, e no ano seguinte, no mesmo dia precisamente, atacou Aden que não teve forças para lhe resistir.

Em 4 de Abril de 1512, Duarte de Menezes derrotou os moiros junto de Tanger, marcando a força das armas portuguesas duma maneira terminante.

Em 20 de Abril de 1546, João de Mascarenhas defendeu Diu contra o avanço dos moiros de Coge Çofar.

No ano seguinte, em 20 de Abril, João de Castro fez a sua entrada triunfal em Goa, fazendo levantar, após combates sangrentos, o segundo cerco de Diu.

Foi ainda em 23 de Abril de 1449 que o intrépido Gonçalo de Bruges, sendo 1.º capitão da Terceira, fez a descoberta da ilha de S. Jorge.

Abril foi sempre o grande mês dos grandes navegadores portugueses.

Vem a propósito recordar uma lenda que circula em volta do túmulo de Afonso de Albuquerque.

Estava em risco de perder-se o nosso património das Índias. Um velho soldado, que combatera junto do grande capitão, dirigiu-se à igreja onde o corpo deste repousava. Ia tentar o último recurso: fazer levantar esse esqueleto mirrado que servia de armação ao mais formidável herói da nossa história.

Encaminhou-se para o templo onde o grande Afonso de Albuquerque dormia o seu derradeiro sono. Junto do altar conservava-se ainda a bandeira das conquistas que o próprio herói ali colocara no dia da tomada de Benasterim. Pobre trapo desbotado que, tendo resistido às saraivadas dos pelouros, estava quasi dilacerado pela traça!

O que são as glórias humanas! Mas o velho soldado avançava cheio de fé.

Antes de se encaminhar para o túmulo, dirigiu-se ao altar da Virgem, e ajoelhou numa prece fervorosa:

«Senhora — murmurava o velho soldado — não permitas que se perca este torrão florido que é nosso, muito nosso à custa de tanto sangue generoso.

«Conheci o grande capitão e tive a honra de combater sob as suas ordens. Ele era já um velho e eu um manco de vinte anos... Parece-me estar ainda a

vê-lo. A barba caía-lhe sobre o peito em flocos de neve, mas era ainda vigoroso como um rapaz. Resuscitai-o, Senhor, pois da sua presença dependerá a vitória!»

Levantou-se cheio de confiança, e encaminhou os seus passos para a bandeira.

— Minha querida bandeira! — murmurou ele em êxtasi — tantas vezes tremulaste nos mais terríveis combates como uma flâmula gloriosa de triunfo! Como eu gostava de vê-te desfraldada ao vento, Tão pequenina, parecias cobrir toda uma pátria! Os soldados iam caindo, caindo... e tu sempre erguida, sempre atíva, e sempre vencedora! Bandeira da minha terra! Voltarei a vê-te flutuar ao vento como outrora?

Beijou comovido esse pedaço de seda dilacerado pelo tempo, e cada vez mais cheio de confiança, foi direito ao túmulo do grande capitão.

Bateu três vezes com o bordão sobre a lage da sepultura, como se estivesse batendo à porta dum amigo que não se demoraria em vir abrir.

Já uma vez fôra acordá-lo em Ormuz porque os infieis avançavam em grandes hostes sobre a cidade, contando invadi-la de surpresa. Soubera disto por uma agarena com quem andava de amôres e lhe dera conhecimento do facto, muito em segredo. Ele correrá, nessa altura, a acordar o comandante que logo reuniu as forças da guarnição, e repeliu o assalto com uma bravura formidável. Lembrava-se disto... Tinha sido uma linda noite de abril — o mês consagrado às conquistas!

Voltava agora a acordá-lo na sua sepultura.

Batendo pausadamente com o bordão na lage fria, bradou:

— Levanta-te, capitão, que se perde a Índia!

Mas o capitão nunca se levantou e a Índia perdeu-se!

Já lá vai o tempo das conquistas e dos descobrimentos!

Tudo passou...

As lamentações de Alexandre Magno ao cabo duma grande vitória, teriam hoje plena justificação. O prodigioso guerreiro não se dava por

satisfeito e continuava a contemplar os astros.

— Porque te apoquentas, Alexandre — perguntava-lhe um dos seus generais — se acabas de alcançar uma das mais belas vitórias que um batalhador poderia sonhar?

— É que vejo lá em cima tantos mundos — respondeu o herói apontando os astros — tantos mundos que não são meus, e reconheço os sacrifícios para conquistar este em que vivemos!

Hoje qualquer mortal ultrapassa a desmesurada ambição de Alexandre Magno. Após a conquista da terra e dos mares, planeou a conquista dos ares, e, como se não bastasse, sonha em tornar-se senhor da estratosfera.

A lenda do veterano de Gôa é enternecedora, mas não serve para nada. O velho capitão não podia erguer-se — e não se ergueu.

O mesmo sucedeu com um oficial da guarnição de Coimbra, quando as tropas francêsas invadiram Portugal.



Pedro Álvares Cabral



Vasco da Gama

Correu ao túmulo de Afonso Henriques a suplicar que se levantasse. Foram dar com o pobre homem agarrado às lages, num desespero atrás. Endoideceu, segundo dizem. Como tudo isso já vai longe!

Abril foi sempre propício à época gloriosa das nossas descobertas. Os factos estão a prová-lo. Não é preciso ser supersticioso para acreditar no signo benéfico deste mês; basta guardar no peito um pouquinho de fé, visto ser a fé, segundo a sabedoria dos povos, a única virtude que nos salva.

Portugal foi tão grande que encheu o mundo. Teve uma epopeia homérica e foi o berço encanado de grandes santos e heróis dignos de lenda.

Esses tempos passaram. Hoje em dia, evocaremos o que nos tornou grandes e será essa uma grande consolação.

Aos nossos filhos ensinaremos a formosa quadra do grande poeta Afonso Lopes Vieira:

*Que era dantes o mar? Um quarto escuro
Onde os meninos tinham medo de ir...
E agora o mar é livre e é seguro
— E foi um português que o foi abrir.*

Nesta quadra está concentrada toda uma epopeia grandiosa que não devemos esquecer neste lindo mês que foi tão propício às grandes descobertas.

«Abril — águas mil...»



Gravura satírica feita em 1706 por Pedro J. Mariello, a propósito da aeronave de Bartolomeu de Gusmão

Em 19 de Abril de 1709 foi concedido ao padre Bartolomeu de Gusmão o alvará para voar. Nesta altura — bem que pese à França — ainda não tinham nascido os seus celebrados Montgolfier de que tanto se orgulha a vaidade gaulesa...

Bartolomeu Lourenço de Gusmão, filho de pais portugueses, nasceu em Santos, no Brasil, no ano de 1685. Desde muito novo começou a aplicar-se dedicadamente aos trabalhos de Física e Mecânica para o que se sentia com uma extraordinária vocação. A primeira manifestação do seu engenho foi o maquinismo que inventou para fazer subir a água de qualquer rio, lago, brejo, ou mesmo do mar, à altura que se pretendesse.

O seminário em que estudava estava construído no alto dum monte, care-

cendo de água para as suas necessidades. O precioso líquido era conduzido para ali aos ombros de carregadores, o que acarretava grandes despesas.

O jovem Bartolomeu, tendo estudado o assunto, conseguiu, por meio dum cano e dum maquinismo, fazer subir a água que ficava num brejo próximo a uma profundidade de 100 metros. A sua ideia foi adoptada com entusiasmo, e o seminário passou, desde então, a ter toda a água de que carecesse.

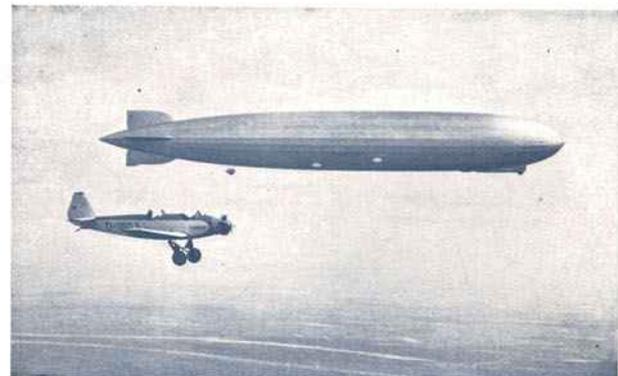
Concluídos os seus estudos eclesiásticos, o padre Gusmão requereu à Câmara da Baía o privilégio da sua invenção para dela auferir as vantagens a que se julgava com direito. O seu requerimento teve deferimento em 12 de Dezembro de 1705, tornando-se extensivo a todo o Brasil dois anos depois.

O moço inventor triunfava. Seguiu depois para Portugal e matriculou-se na faculdade de Cânones na Universidade de Coimbra em Dezembro de 1708. Foi durante este ano lectivo que se dedicou ao invento da sua famosa máquina de voar, o que o forçou a faltar à última matrícula, e a abandonar o curso.

Finalmente, conseguiu o alvará para voar em 19 de Abril de 1709.

Esta máquina aerostática — a "passarola", como o povo lhe chamava por ter a configuração dum pássaro — elevou-se nos ares em Lisboa, por entre a pasmação da multidão que logo atribuiu ao inventor uma estreita aliança com Satanaz. Sim, porque isto de subir aos ares não podia deixar de ser obra de feitiçaria ou coisa do diabo... Assim o pensava o povo ignorante e supersticioso, e assim o pensou a própria Inquirição que não teve a menor relutância em considerar o "voador", como um mágico perigoso, encerrando-o numa masmorra a pão e água e duras penitências.

A descrição do aerostato, segundo os escassos documentos da época do projecto de Bartolomeu de Gusmão, pode



O «Graf Zeppelin» e os «Jardine Jantars» em pleno voo

fazer sorrir os modernos construtores de aeroplanos. No entanto, é muito possível que o moço inventor ocultasse, tanto quanto possível, os verdadeiros traços da sua iniciativa para melhor guardar o se-



O dirigível Z, sul voando sobre Londres

grêdo, dificultando assim qualquer esperança de adaptador do trabalho alheio.

Ainda assim, o que ficou basta para demonstrar que o padre Bartolomeu de Gusmão tinha a verdadeira noção do seu invento. Nessa tósca e embrionária modalidade, a "passarola", patenteava todos os elementos básicos do aeroplano moderno.

O corpo ou armação era constituído por uma espécie de bote em forma de concha com o velame estendido. Aos lados, tinha um par de asas que, batendo o ar, davam estabilidade ao aparelho. Atrás, ficava o leme que accionava como a cauda das aves. No interior da concha estavam colocados uns foles de grande envergadura que funcionavam em tempo de calma, a fim de sacudir da sua modorra a massa atmosférica. Havia também umas esteras de âmbar e magnetos que funcionavam de maneira que hoje poderíamos considerar ingénua.

Não deixa de ser origi-

AS AS LUSAS

O português Bartolomeu de Gusmão foi o precursor dos portentosos dirigíveis que assombram hoje o mundo

nal, no entanto, a ideia de fazer accionar com âmbar a vela estendida sobre o barco. Seguramente, o inventor esperava que a acção calorífica do sol engendrasse electricidade e esta seria transmitida a dois grandes ímãs colocados em cápsulas de metal.

Franz Gualzetti, postilhão de correios, comunicou tudo isto à corte de Viena, então capital da Alemanha. Estas revelações apareceram relatadas pormenorizadamente no "Diário de Viena", de cujas colunas outras publicações periódicas fizeram largas transcrições.

Todavia, poucos tomaram a sério o audacioso invento. Na sua maioria, letrados e ignorantes, nobres e plebeus fizeram a mais estrondosa chacota da máquina aerostática de Bartolomeu de Gusmão que, "chamando-se "passarola", não chegava a ter o voo duma galinha..

Apareceu um maldizente que se entreteve a escrever um fi-lheto satirizando o acremente o inventor. Dava-o como realizando uma viagem aérea de Lisboa a Viena, com passagem pela Lua, cujos habitantes ficaram mudos de espanto ao darem pelo voo do audacioso padre português. Pelo caminho teve de lutar com toda a espécie de aves que não concordavam com a invasão dos seus domínios, e, por fim, ficou espetado no tópo da torre de Santo Estevão.

Seja como fór, do ensaio de elevação nos ares, realizado pelo padre Gusmão no dia 8 de Agosto de 1709, do alto do Castelo de S. Jorge, é que surgiram os princípios da invenção do globo aerostático que a história e a fama uniram com toda a solenidade ao nome dos irmãos Montgolfier.

Devemos ter em conta que o rei de Portugal, não só concedeu o privilégio de voar que o padre Gusmão solicitava, como uma renda vitalícia, nomeando-o ainda catedrático de matemáticas da Universidade de Coimbra.



O erudito José Filipe Simões afirma com a maior convicção a grandeza do inventor da "passarola..

Diz ele:

"Pode e deve atribuir-se a invenção das máquinas aerostáticas a Bartolomeu Lourenço de Gus-

mão, o qual sem os valiosos recursos que, setenta e três anos depois, Montgolfier encontrou no aperfeiçoamento das ciências físicas, conseguiu construir um aparelho capaz de se elevar na atmosfera por virtude do princípio de Arquimedes..

E a França não ignorava isto. Em 1912, o benemérito visconde de Faria fundou em Paris uma sociedade aeronáutica que intitulou "Bartolomeu de Gusmão", e



Capa de gravado public. em 1709 pelo «Diário de Viena», relatando o projecto de Bartolomeu de Gusmão, segundo as informações do postilhão Gualzetti

cujos principais objectivos consistia na investigação de todos os dados, documentos, indícios e referências que pudessem esclarecer plenamente a obra do inventor português que os franceses teimam em considerar um ponto misterioso da história da navegação aérea.

O autor francês Jean Lecornu, que em 1903 publicou um compêndio da história da aeronáutica, é de opinião de que o padre Gusmão traçou dois projectos distintos, deixando abandonado o da "passarola", em face das dificuldades de construção, para se dedicar com todo o empenho à construção dum globo cheio de ar quente. Apoiado no testemunho apresen-

O «Graf Zeppelin», soando sobre a cidade do Recife



Reprodução da "passarola" de Gusmão, publicada no «Diário de Viena»

tado por David Bourgeois em 1784, Lecornu declara que a segunda experiência foi efectuada em 1730. Ora, como Bartolomeu de Gusmão morreu com 39 anos, isto é, no ano de 1824, esta última experiência devia ser tentada por seu irmão Alexandre de Gusmão, falecido em 1753.

Em resumo: o inventor português foi atirado para um cárcere da Inquirição, sob a acusação de feitiçeria. Teria ido ao auto de fé, se não lhe valesse a Companhia de Jesus na qual estava filiado. Este poderoso organismo, servindo-se do seu enorme prestígio, libertou o inventor e mandou-o para Espanha.

Bartolomeu de Gusmão, além de sermões formosíssimos que proferiu, escreveu uma obra que intitulou: "Vários modos de esgotar sem gente as náus que metem água", e ofereceu "ao muito alto e poderoso rei de Portugal e dos Algarves, D. João V., em 1710.

O seu fim foi o de todos os grandes génios. Exilado em Espanha, a fim de escapar à perseguição da Inquirição de Portugal, veio a morrer na flor da idade e na maior miséria num hospital de Sevilha.

Póstumamente foi publicada a "Petição do padre Bartolomeu Lourenço sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e as suas utilidades", — 1794.

Apesar de tudo, a França insistiu em dar publicidade à proeza dos irmãos Montgolfier, esquecendo o formidável esforço do padre Gusmão. Em boa verdade, quando Portugal foi o primeiro a atirar ao ostracismo um filho seu, não seria para admirar que a França desprezasse um engeitado.

Hoje, em face do triunfo alcançado pelos grandes dirigíveis, devemos ter em conta que o seu precursor foi o português padre Bartolomeu de Gusmão.

Nem podia deixar de caber esta honra à nossa Pátria que, tendo conquistado a Terra e o Mar, teria triunfado igualmente no Ar, se lhe dessem tempo para isso.

Acima de tudo — e apesar de tudo, custe a quem custar — estarão sempre as asas portuguesas.



Entrada duma galeria que se encontra no subsolo de Paris

palidade parisiense viu-se, a partir dessa data, a braços com um problema delicado — a conservação de todas essas galerias de modo a evitar novos desabamentos.

Criou-se então uma repartição para esse efeito, em que se ocupam actualmente cerca de 500 homens. A sua missão consiste em manter uma estreita vigilância nas pedreiras, escorando todas as galerias que ofereçam perigo de desabamento e desviando todos os veios de água subterrânea que ameacem corroer os pontos de apoio. A construção de novos edifícios nas áreas minadas é também submetida ao parecer dos engenheiros dessa repartição. Apesar de todas essas precauções ainda se registam de tempos a tempos alguns acidentes.

Outro importante trabalho em que os engenheiros se ocupam há

É um facto conhecido que o sub-solo de Paris se encontra perfurado por uma extensa e intrincada rede de galerias.

Esses recessos misteriosos da grande capital francesa forneceram abundantes motivos aos autores dos romances de aventuras. Ao leitor que nessas leituras se ocupou, podem as descrições ter parecido fantasiosas. Há nelas, contudo, uma grande porção de verdade, como vamos ver.

A partir do século XII o sub-solo de Paris começou a ser cortado por minas destinadas à extracção de pedra. Quasi todos os grandes edifícios da formosa "cidade da luz" foram construídos com a cantaria dali extraída, entre outros Notre Dame, o Louvre, o Luxemburgo, o Pantheon, etc. Por um estranho paradoxo, durante séculos os parisienses minaram os edifícios à medida que os construíam.

A vasta rede de pedreiras de daqui resultou estende-se hoje principalmente debaixo dos 5.º, 6.º, 13.º, 14.º e 15.º "arrondissements". A extensão total das galerias está avaliada em 300 quilómetros, ou seja, quasi a distância de Lisboa ao Porto!

Em princípios do século XIX, esta absurda exploração do sub-solo teve as primeiras consequências desastrosas. Em diversos pontos as galerias abateram pondo em risco a segurança dos edifícios situados por cima. O alarme foi grande e levou as autoridades, em 1813, a proibir a exploração das pedreiras.

Mas o mal estava já feito e a Municipi-

longos anos é o levantamento do mapa topográfico das galerias. Diversos incidentes têm obstado à sua conclusão. Um deles foi o terrível incêndio do "Hotel de Ville" que consumiu 50 anos de laboriosas pesquisas. As guerras de 1870 e 1914 vieram também perturbar a marcha deste trabalho que ainda hoje não está completo. Em cada dia que passa se descobrem novas galerias cuja situação tem de ser cuidadosamente estudada.

Os subterrâneos de Paris têm, evidentemente, uma história fértil em incidentes romanescos e melodramáticos. Nas suas sombras propícias cometeram-se numerosos crimes. E o seu solo lamacento devido às infiltrações do Sena foi outrora pisado por altas figuras da nobreza que deles se serviam para melhor conservar em segredo as suas deslocações.

Quem se aventure por essas galerias estreitas e húmidas, encontra sob o Val de Grace uma vasta sala escavada na rocha. Mede cerca de 30 metros de comprimento por seis de largo e data do século XVIII. A abóboda natural da rocha é sustentada por pilares rectilíneos que, na escuridão, lembram vagamente vultos esguios de sentinelas. Daí o chamar-se-lhe a Sala dos Guardas.

A pouca distância há uma câmara circular que no século XVIII comunicava com os aposentos do convento de Val de Grace ocupados por Ana de Austria. As muralhas de rocha que a cercam devem ter presenciado alguns capítulos avulsos da vida da soberana.

Ainda hoje o local é conhecido pelo

A VINTE METROS DE PROFUNDIDADE

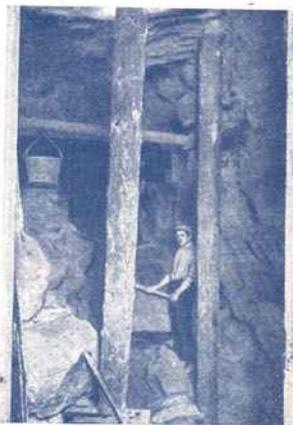
O sub-solo de Paris

é perfurado por 300 quilómetros de antenas e encontram depositados mais de cinco milhões de esqueletos humanos

expressivo nome de "Trou de Madame la Reine".

Em tempos passados, as galerias serviram também aos contrabandistas para introduzirem na capital as suas mercadorias, defraudando o fisco. Mais duma vez se deram na escuridão sangrentos recontros, sem que os transeuntes que circulavam em cima de nada suspeitassem.

Um dos mais atrozes dramas do Paris subterrâneo é, porém, o de Philibert As-



Uma fase dos trabalhos de escoramento destinados a evitar a derrocada das minas e a consequente ruína dos edifícios e ruas que sobre elas assentam

pair que se encontra sepultado numa dessas profundas galerias.

Philibert Aspairt morreu vítima da sua curiosidade e da sua gula. Era porteiro do convento de Val de Grace e em Novembro de 1793 meteu-se-lhe em cabeça explorar as pedreiras abandonadas, na esperança, segundo se crê, de encontrar a entrada das caves abandonadas pelos frades cartuxos, que a Revolução obrigara a fugir. Desceu aos subterrâneos e não voltou a aparecer. Como nessa época os desaparecimentos eram frequentes, ninguém se deu ao trabalho de o procurar. Só onze anos mais tarde alguns operários encontraram o seu esqueleto. O molho de chaves e os botões do uniforme per-

O sub-solo de Paris

gas pedreiras abandonadas onde se encontram depositados mais de cinco milhões de esqueletos humanos

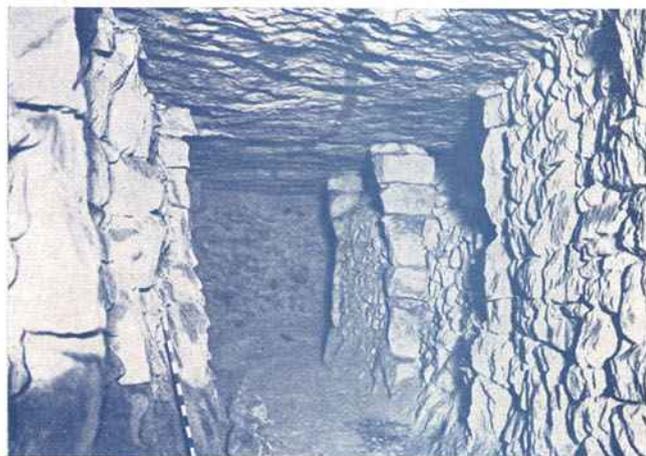
mitiram identificá-lo. Enterraram os seus ossos no próprio local em que apareceram e colocaram por cima uma lousa em que se lê:

"A memória de Philibert Aspairt, perdido nesta pedreira em 3 de Novembro de 1793, encontrado onze anos depois e enterrado no mesmo local em 30 de Abril de 1804".

A tragédia de Aspairt não é difícil de reconstituir. Um acidente qualquer deve ter inutilizado a lanterna com que guiava os passos. A partir desse momento o infeliz vagueou nas trevas, tacteando as paredes húmidas e viscosas, chocando com os pilares de cantaria, perdido num labirinto de galerias, procurando debalde uma saída. Até que exausto de forças e louco de terror caiu por terra no local onde só onze anos mais tarde foi encontrado. Enquanto ele se debatia nesta agonia horrível, vinte metros por cima da sua cabeça perpassava tumultuosa a vida intensa duma das maiores capitais do Mundo!

Em diversos pontos, as galerias são aproveitadas para a passagem dos cabos de electricidade e telefónicos e dos canos de gás.

Uma parte importante das pedreiras foi adaptada a ossário e é conhecida pelo



Aspecto duma galeria que os serviços da Municipalidade de Paris procuram manter em estado de conservação para evitar acidentes

nome de Catacumbas, que também se aplica por vezes imprópriamente a todas as galerias subterrâneas. Para ali são removidos, ao fim de certo tempo, os ossos provenientes dos cemitérios de Paris. Quando em 1792 o cemitério dos Inocentes foi demolido, como medida de saúde pública, para dar lugar a "Les Halles", os corpos que ali se encontravam sepultados foram transferidos para as Catacumbas. A partir de então muitos outros cemitérios têm dado a sua contribuição.

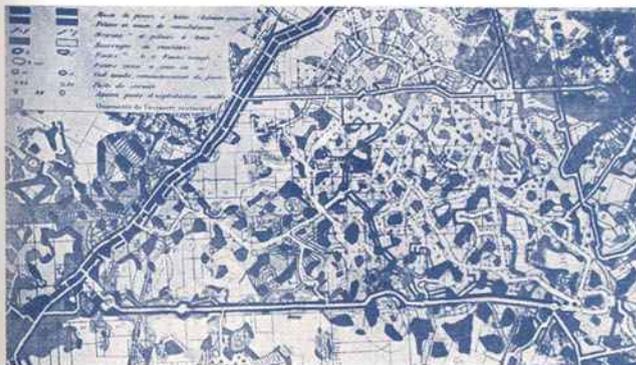
E daqui resulta este facto paradoxal e impressionante. Sob a cidade que se agita numa ânsia irremovível de prazer existe uma outra cidade, povoada de esqueletos, sepultada a vinte metros de profundidade no solo e onde não chega a vibração efémera da superfície. Calcula-se que nas Catacumbas, considerado o maior ossário do Mundo, se encontrem depositados para cima de cinco milhões de corpos!

Este Paris subterrâneo, produto de escavações seculares, com seus mistérios e seus dramas, é sem dúvida um dos aspectos mais singulares dessa grande capital tão fascinante nos seus horrores como nas suas grandezas.

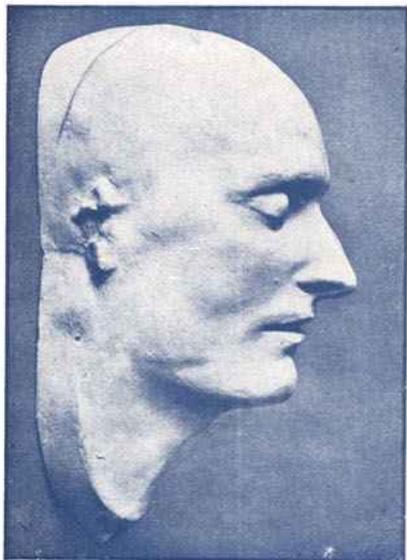
Embora em menor escala, também o sub-solo de Lisboa é cruzado em diferentes sentidos por galerias, na sua maior parte mal exploradas. Os subterrâneos da Baixa pombalina, por exemplo, foram recentemente objecto duma visita dirigida pelo nosso camarada e distinto arqueólogo Matos Sequeira. Muitos outros locais solicitam, porém, o interesse dos eruditos, entre eles os subterrâneos do Palácio dos Estãos, que se presume existirem por baixo do Teatro Nacional, mas cuja entrada não foi possível até agora descobrir.

Escusado será dizer que a exploração desses subterrâneos importa altamente à história e à arqueologia pelos importantes subsídios que pode fornecer para um mais perfeito conhecimento do passado. São por isso dignos de elogio todos os esforços que se têm feito e venham a fazer-se no sentido de desvendar os mistérios do sub-solo lisboeta.

Agora o natural interesse científico que a questão apresenta, deve ainda ter-se em conta o interesse do público por tudo que se refere a esses aspectos misteriosos do passado. Haveria, portanto, ocasião de destruir lendas erradas tornando conhecidos factos que não são por certo menos extraordinários.



Plano topográfico em que estão assinaladas as escavações subterrâneas conhecidas e as planas de ar hoje no coração de Paris



Máscara mortuária de Napoleão

Evoquemos: A viuva Josefina Tascher de La Pagerie Beauharnais nunca morreu de amores por Buonaparte que andava a requestá-la com o seu costume ardor. Isso levou a pobre crioula a escrever nestes termos a uma amiga muito íntima que, nessa altura, se encontrava em Itália:

Minha querida amiga:

Todos os meus amigos me aconselham que volte a casar-me; minha tia quasi que mo ordena, e os meus filhos parecem desejá-lo vivamente.

Porque não está junto de mim, minha querida amiga, para me dar os seus conselhos numa circunstância tão importante, e para me persuadir a aceitar uma união que deve fazer terminar a minha penosa situação actual?

A sua amizade, de que tanto me orgulho, torná-lá-ia clarividente, e dar-me-ia indicações que seriam certamente no meu interesse. Já encontrou em minha casa o general Buonaparte. Pois é ele que deseja tornar-se meu marido e servir de pai aos órfãos de Alexandre Beauharnais!

— Gosta d'êle? — vai perguntar-me.
— Não.
— Tem antipatia por êle?
— Não... mas sinto-me num estado

de indiferença que me constrange, e que, em matéria de religião, os devotos reconhecem ser o mais perigoso.

O amor, sendo uma espécie de culto, carece duma outra disposição do que esta em que me encontro. Eis, pois, porque eu tenho necessidade dos seus conselhos para fixar as hesitações do meu carácter débil.

A minha indolência crioula encontra infinitamente mais cómodo seguir a vontade dos outros do que tomar uma resolução por mim mesma.

Não deixo de admirar a coragem do general, a vivacidade do seu espirito que lhe faz compreender o pensamento dos outros, antes mesmo de o terem manifestado. Mas, por vezes, sinto-me assustada com o império que êle parece querer exercer sobre tudo o que o rodeia.

O seu olhar tem qualquer coisa de singular e de perscrutador que me intimida. Quando me fala do seu amor e da sua

paixão por mim com tanta energia que não posso duvidar da sua sinceridade, só êste receio suspende o consentimento que estou prestes a dar-lhe.

Encontrando-se na primeira mocidade, posso acaso esperar conservar por muito tempo êste amor violento do general, que chega a parecer um acesso de delírio? Se êle deixar de amar-me quando formos casados, não me deitará em rosto tudo o que fez por mim? Então que responderei? Chorar? Melhor recurso! Meu Deus! sei que isso não serve para nada, mas tem sido o único lenitivo que tenho encontrado sempre que têm feito sofrer o meu pobre e tão sensível coração.

Se eu casar com o general Buonaparte, Barras garante que lhe conseguirá o comando do exercito da Itália. Mas Buonaparte disse-me ontem: Julgam êles que tenho necessidade da sua protecção para elevar-me? Tenho a minha espada, e com ela irei longe. Protecção dêles! Que se conside-



A imperatriz Josefina e o filho de Napoleão de Maria Luísa

Um busto — do rei de Roma filho de Napoleão de Maria Luísa



AMORE CORSO

JOSEFINA OUMARIA LUISA?

Qual delas foi mais sinceramente amada por Napoleão?

rem felizes no dia em que lhes conceder a minha».

Um general de brigada a proteger os chefes do governo! Que diz, minha amiga, desta certeza que êle parece ter de triunfar?

Por momentos esta convicção ridícula apodera-se de mim a tal ponto que chego a julgar possível tudo o que êste homem architecta e se considera capaz de realizar.

Se eu tivesse a certeza de encontrar em Itália, casaria amanhã com a condição de seguir o general. Mas talvez

nos desencontrássemos no caminho. Assim, por prudência, esperarei a sua resposta antes de tomar qualquer resolução.

Peço-lhe que me responda com a maior brevidade, ou que regresso prontamente. Sem êste casamento que me fatiga, sentir-me-lá alegre, apesar de tudo. Enquanto se não realiza, vou-me atormentando. Estou, de resto, habituada a sofrer. Se estou destinada a novos desgostos, creio poder suportá-los, visto que me restam

ainda os meus filhos e a minha amiga.

Adeus, minha boa amiga.

JOSEFINA.

Pouco depois, a viuva Beauharnais casava com o general Buonaparte que, honra lhe seja, foi sempre um verdadeiro pai dos enteados.

Depois, pensou em aparentar-se com os reis autênticos e procurou uma noiva entre as mais famosas dinastias do Universo. Foi escolhida a arquiduquesa Maria Luísa da casa de Austria que se resignou a aceitar o marido que lhe impunham.

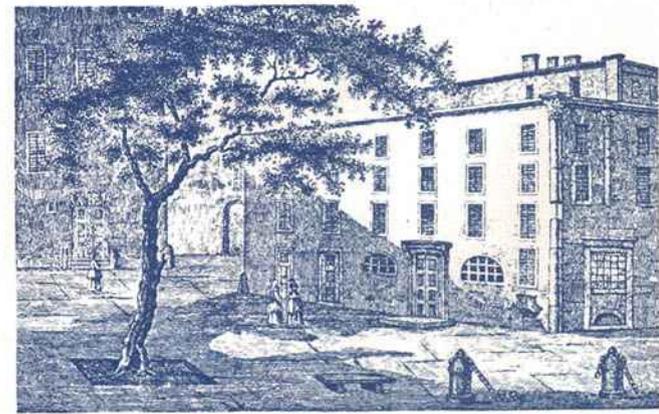
Por sua vez, a imperatriz Josefina era forçada a aceitar o divórcio pronunciado em 15 de Dezembro de 1809. No entanto, no coração de Napoleão havia lugar para todas as fêmeas que fôsse arranjando. Dias depois de ter repudiado a primeira mulher, o imperador escrevia-lhe com o carinho dum amante terno e carinhoso:

Minha amiga

Depois de teres manifestado tanta coragem, encontro-te hoje mais fraca e abatida. Não deves abandonar-te a uma funesta melancolia, e precisas de tratar da tua saúde que me é sempre preciosa e querida. Se tu me amas e te conservas afeiçoada, deves comportar-te com energia e até mostrá-te feliz. Não podes duvidar da minha constante amizade, e farias injustiça aos meus sentimentos se supuzesses que eu poderia ser feliz sabendo-te a sofrer. Adeus, minha amiga, dorme bem, lembrando-te de que sou eu que o quero.

NAP.

Casa onde nasceu Napoleão Buonaparte na Corcugá



la cumprir-se o grande sonho de Buonaparte: ter um filho que lhe continuasse a dinastia. Assim o diz à sua querida primeira mulher em Novembro de 1810:

Recebi a tua carta. Muito folgo por saber que madame d'Arberg está sendo para ti uma amavel companhia.

Eu vou bem e espero ter em muito breve um filho. Avisar-te ei imediatamente. Adeus, minha amiga. Quando voltares a vêr-me ficarás convencida de que os meus sentimentos por ti são invioláveis.

NAP.

Por sua vez, Josefina respondia com regularidade às expansões do seu ex marido. Uma outra carta de Napoleão datada de Paris, 22 de Março de 1811, traduz desta maneira a alegria do imperador todo entevado no seu filho:

Recebi a tua carta, minha amiga, e agradeço-la.

O meu filho está forte e a sua saúde é excelente. Tem a minha bôca, os meus olhos, o meu peito. Tenho confiança em que saberá cumprir o seu destino.

Estou muito satisfeito com Eugénio. Nunca me causou a menor contrariedade.

NAP.

Era assim o coração do grande amoroso Napoleão Buonaparte...

Mas afinal qual das esposas amou êle com mais ternura? Josefina ou Maria Luísa? Eis o mistério que ainda subsiste apesar das centenas de cartas que escreveu com toda a sinceridade do seu coração de côro.

Gomes Monteiro.



A independência da Grécia

A bandeira da Grécia flamejando no alto do edifício do Consulado Geral deste país, em Lisboa, no dia 25 de Março — data festiva da independência helénica. Nessas nove bandas brancas e azuis, traçadas horizontalmente, está simbolizada uma grande pátria que é, no fim de contas, a pátria de todo o mundo civilizado e perfeito.

Ana de Castro Osório



As letras portuguesas acabam de sofrer uma grande perda com a morte da ilustre escritora D. Ana de Castro Osório, que foi umas das mais prestigiosas das últimas gerações. A sua obra vastíssima não serve só para educar a mulher em geral, mas a maior parte das pseudo-escritoras que para aí pululam como cogumelos. O lugar de D. Ana de Castro Osório dificilmente será preenchido. No entanto, bom será que as mulheres portuguesas aprendam na obra vastíssima dessa grande educadora e façam por aproveitar os grandes ensinamentos que ali podem colher.

Procissão do Senhor dos Passos da Graça



COMO nos anos anteriores, realizou-se no dia 15 do corrente, a tradicional procissão do Senhor dos Passos da Graça, que atraiu ao local uma grande multidão. A imagem saiu do templo deus a volta ao jardim, até ao largo da Graça, passando em frente do quartel da G. N. R.. Pelas janelas, no percurso, aglomerava-se grande número de pessoas.

Alice Ogando



«ESTE pecado de amar...» só pode ser compreendido após a leitura do último livro da consagrada poetisa Alice Ogando ao qual está destinado um exito idêntico ao dos oito livros anteriores da autora. E que pena ter só 160 páginas! Hoje em dia a boa literatura é tão rara!

Excursão de operários alemães a Lisboa e Madeira



No dia 16 do mês findo passaram por Lisboa 2638 trabalhadores alemães que em excursão de recreio se dirigiram à Madeira. Esta excursão fazia parte duma série organizada pela secção da «Frente do Trabalho», «Kraft durch Freude» (A força pela alegria), fundada e chefiada pelo dr. Robert Ley, que acompanhava os excursionistas. Os viajantes ocupavam três barcos especialmente fretados para esse fim. Eram eles o «Der Deutsche», o «St. Louis» e o «Oceana». A colónia germânica em Lisboa fez-lhe no entreposto de Alcântara um caloroso acolhimento, tendo ali comparecido o sr. João de H. H. H., ministro do Reich em Lisboa. Os excursionistas visitaram diversos pontos de Lisboa e arredores e realizaram no dia 17 uma cerimónia religiosa consagrada aos seus mortos da Grande Guerra. As nossas gravuras representam, à esquerda, um aspecto do officio religioso na Escola Alemã e, à direita, um grupo de excursionistas no claustro dos Jerónimos.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Nova direcção da Sociedade de Geografia



TOMOU posse do seu cargo a nova direcção da Sociedade de Geografia, a que preside o sr. conde de Penha Garcia. Na primeira reunião que efectuou após esse acto a nova direcção occupou-se da organização da Semana das Colónias e da reivindicação para Portugal de certas descobertas cuja prioridade se atribue a Livingstone.

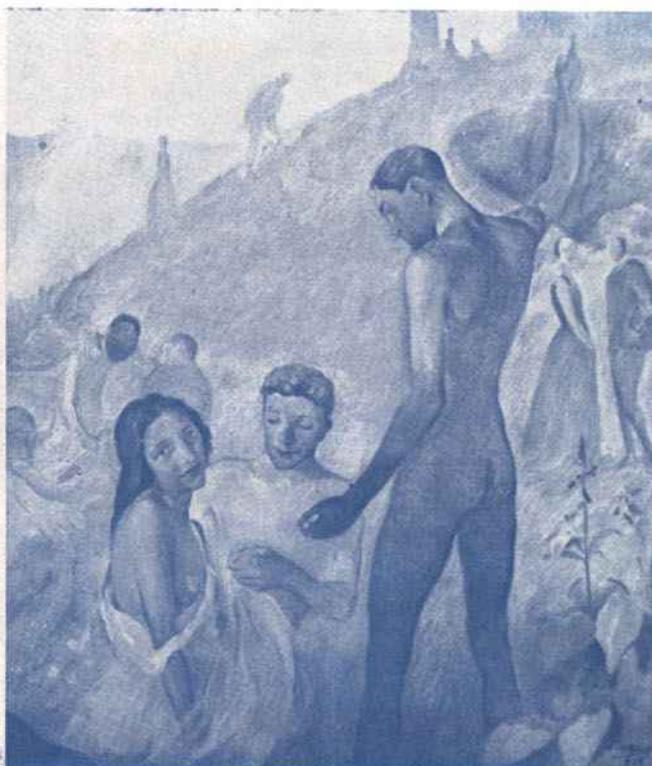
DOIS DESASTRES

O dia 25 do mês findo foi assinalado por dois graves desastres de viação. Numa passagem de nível à Póvoa de Santa Iria um comboio destroçou um automóvel em que seguiam o industrial belga Jan D'effense, sua esposa e filha e o engenheiro Andersen da Costa. O primeiro ficou gravemente ferido e os restantes morreram. O outro desastre ocorreu em plena Lisboa. Um carro eléctrico que subia a rua do Mundo incendiou-se. Os passageiros tomados de pânico saltaram para a rua e o carro desarvorou pela rua do Alecrim indo chocar no Cais do Sodré com outro que arremessou contra a estátua do Duque da Terceira. Ficaram feridas várias pessoas e só por acaso o acidente não teve maiores proporções.



EM CIMA: O esta o em que ficou o automóvel colhido pelo comboio na Póvoa de Santa Iria. EM BAIXO, À ESQUERDA: Destroços do automóvel, espalhados ao longo da via férrea. À DIREITA: O carro eléctrico que chocou com a estátua do Duque da Terceira

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA



Entre as obras de merecimento que figuraram na Exposição de Arte Moderna, na Sociedade Nacional de Belas Artes destacamos o formoso triptico «Primaveras» do pintor Albano Portocarrero de Almeida, que acima reproduzimos. Esta notável obra figurou no «Salon» do Estoril em 1933.



as mais largas fôlhas de esmeralda, exalando deliciosos aromas.

Admirou Lisboa debruçada no espelho das águas e as nunca sonhadas belezas de Sintra, mas não deixou de registrar que "através desses tortuosos caminhos encontrárá cruzeiros a recordar horribéis assassínios."

Vê-se que o marmeleiro do tal marido ciumento deixará recordações indeleveis ao cantor do *Childe Harold*.

Em dado momento, num arranco de inspirada sinceridade, escreveu os magníficos versos que traduzimos literalmente para não perderem o sabor:

"Oh! em que variegado labi-

Lord Byron

SINTRA, êsse torrão delicioso que o nosso Gil Vicente considerava

*Um jardim do paraíso terreal
Que Salomão mandou aqui
A um rei de Portugal*

teve sempre o condão de atraír e encantar todos os visitantes, e muito especialmente os estrangeiros.

Hugh Owen chamou-lhe "o Koh-i-nor da paisagem portuguesa", e Lichnowsky "o mais belo de todos os pontos da terra."

Se fôssemos a reunir as impressões dos estrangeiros que visitaram Sintra, não nos chegaria um volume de muitos centos de páginas.

No entanto, destacaremos dois — Luiza Sigeia e Lord Byron — que deixaram, a pesar de tudo, uma parcela da sua alma nas paragens sintrenses.

Lord Byron, tendo levado a sua existência turbulenta a suspirar pela esposa que o detestava, e a requisitar as mulheres dos outros, apareceu em Portugal, onde começou a fazer das suas. Valeu-lhe isso uma sova dum marido pouco condescendente que o ia coxeando do outro pé. O poeta não gostou desta maneira de agasalhar um hospede, e desenhou-se a escrever recriminações contra a índole dos portugueses que não tinham esquecido a sua primitiva forma de bárbaros.

Depois de nos chamar escravos e outras coisas deste género, cantou o T. j. em toda a sua imponência e majestade, as montanhas com as suas auréolas de luz e os seus turbantes de vapores branquinhos e os frutos de ouro escondidos sob



O famoso castelo de Sintra

rinto de montes e vales surge o glorioso Eden de Sintra! Ai de mim! Que mão poderá guiar pena ou pincel para reproduzir metade sequer das suas belezas mais ofuscantes e olhos mortais que as descritas pelo bardo que abriu ao mundo, tomado de espanto, as portas do Eliseo?

E, sempre inspirado, Byron continú: "Húmidos rochedos, coroados lá no alto por conventos suspensos; sobreiros seculares a revestir escarpas hirsutas; musgos de montanha enegrecidos pelas soalheiras; vales profundos em que a sombra gotejam arbustos; o azul fluido dum mar sem rugas; pomos doirando os ramos viridentes das laranjeiras; torrentes que se despenham das cristas da serra; no alto as vinhas, em baixo o ramo dos salgueiros; tudo isto fundido num

vamos encontrá-lo em Veneza arvorado em homem fatal das mais belas mulheres que o disputavam com fúria.

Havia, nêsse tempo, na formosa pérola do Adriático, dois palácios muito concorridos pela primeira sociedade — o da condessa de Albrizzi e o da condessa de Benioni. Byron, como se calcula, appareceu como um dominador. A condessa de Albrizzi, que se tinha na conta duma segunda Madama de Staël, deu largas ao seu estro, traçando o retrato do poeta britânico, nestes termos entusiásticos:

"Não vale a pena insistir na mera beleza dum semblante em que era tão notável a expressão duma inteligência extraordinária. Que serenidade pousava na fronte adornada de finos cabelos de

ENAMORADOS DE SINTRA

Lord Byron e Luiza Sigeia

Do Olimpo das Venturas da Toledana ao Eden glorioso do poeta britânico

tom loiro-escuro, leves, anelados e com tal arte dispostos que a arte se ocultava na mais aprazível natureza. Que variada expressão nos olhos, da cor do azul do céu, donde parecia derivar a sua origem! No feito, na cor, na transparência, os dentes semelhavam pérolas, e as faces tinham o delicado colorido da rosa pálida. As mãos eram tão belas como se fôssem uma obra de arte."

O poeta, ou porque não achasse o retrato suficientemente parecido, ou porque lhe estivesse a pular o pé para se meter no salão da outra condessa, disse à entusiasmada panegirista que deitasse ao lume essa meia dúzia de linhas que tão mal fizera em escrever. Como esta teimasse em publicá-las, Byron passou a frequentar o outro salão. Ali encontrou a condessa Tereza de Guiccioli que transformou em sua amante enquanto o diabo esrega um olho.

E assim sucessivamente. Por aqui verificamos que das bordoadas que o tal português lhe ferrou, só se perdeu alguma que tivesse caído no chão.

Ficava uma amante da qual este volúvel Lord Byron ha-de dizer sempre bem. A sua querida Sintra — êsse glorioso Eden — que figurará como jóia cintilante nas páginas imortais do *Childe Harold*.

Resta-nos falar de Luiza Sigeia que, tendo nascido em Toledo, viera muito

nova, com seu pai e sua irmã Angela, para a corte de D. João III, de Portugal.

Fez parte da pleiade de mulheres dotas que a infanta D. Maria reuniu à sua volta. Luiza Sigeia fez grandes progressos nas letras, e muito especialmente nas línguas grega e latina hebraica, siríaca, e árabe.

Das línguas modernas aprendera, além do português, o castelhano, o italiano e o francês.

Acêrca do conhecimento que Luiza tinha da língua italiana, André de Rezende afirmou com o exagero hiperbólico então muito em uso: "Luiza Sigeia escrevia a língua toscana com tal pureza, que os próprios escritos de Dante pareciam menos toscanos."

Dizia-se também que "falava o francês com tal naturalidade que todos a tomavam por francesa". Não admiraria, se tivessem em conta que aprendera com seu pai, francês de nação, e homem cultíssimo.

Entre tantas coisas belas que deveria ter encontrado na nossa terra, destacou Sintra, consagrando-lhe um poema em latim que ficou ocupando um lugar selecto,

Um belo dia, casou-se e foi para a Espanha, sendo já universalmente conhecida.

No meado do século XVII appareceu um livro defendendo amores defesos, attribuído a Luiza Sigeia e traduzido por um tal Chorier. O desabando o Parnaso por causa disto.



D'ALOYSIA SYGAEA TOLETANA

Luiza Sigeia

Uns diziam que sim, outros garantiam que não — e nunca se chegou a apurar a verdade.

Anos depois, o padre de Artigny cortou o nó gordio, publicando uma ficção engenhosa em que apparecia Chorier e a própria Sigeia.

Esta, apenas dá com os olhos em Chorier, voltou-se para Apolo e disse:

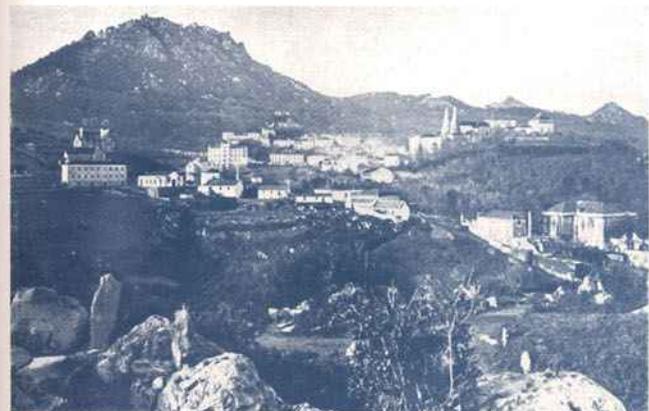
"— Sabeis que fui dama de D. Maria, irmã de D. João III, rei de Portugal. Na idade de vinte anos sabia eu já o latim, o grego, o hebraico, o árabe e o persa.

Chamavam-me a Minerva do meu século; mas fui menos sensível a todos os elogios que recebi dos sábios do meu tempo, do que àquele que me fizeram de ser uma heroína incomparável de castidade. Lê-se no meu epitáfio: *Loyvia Sygrea famina incomparabil*, etc; soltarei acaso que um malvado ouse imprimir com o meu nome uns diálogos que nem sequer um soldado poderia ouvir recitar na tarimba? Desgraçada de mim! E' possível que assim me veja infamada!..."

Luiza Sigeia não assinou êste depoimento porque tinha morrido muitos anos antes...

Mas, virtuosa ou não, o que ficará perdurando através dos séculos é o seu formidável talento tão carinhosamente posto ao serviço de Portugal. A sua incomparável castidade não vem pôr nem tirar aos belos escritos que deixou.

Sintra, portanto, pode orgulhar-se dos seus dois grandes enamorados — Lord Byron e Luiza Sigeia.



Sintra — a sempre formosa



O desporto americano ocupa, sem dúvida, um lugar na vanguarda de todas as nações do mundo. Récords, campeonatos mundiais, títulos olímpicos, são conquistados em profusão pelos atletas "yankees" cuja classe aparece sempre dum valor excepcional parecendo traduzir o coeficiente físico duma raça privilegiada.

Os problemas desportivos constituem um dos pontos marcantes da psicologia americana e, vistos de longe, do nosso velho continente europeu, assombram pela vastidão dos seus conceitos e pela amplitude da sua organização. Quantas vezes temos lido as referências mais liesonjeiras ao papel importantíssimo desempenhado pelas instituições universitárias no progresso e elevada categoria do desporto nos Estados-Unidos, apresentando-as como um invejável exemplo a seguir.

Final, as coisas observadas de perto mudam integralmente de figura; o aspecto dos problemas varia com um exame directo e, sob a camada brilhante da superfície do domínio público surgem manobras tenebrosas, processos condenáveis, exageros anti-pedagógicos, usos e abusos mais para evitar do que para invejar.

O jornalista francês Robert Perrier realizou recentemente uma curiosa reportagem sobre o desporto universitário nos Estados-Unidos, onde permaneceu durante alguns meses. As suas afirmações são assombrosas e definem uma moralidade tão diversa da nossa que nos deixam assombrados e quasi incrédulos.

A preocupação cultural é em absoluto posta de parte; o desporto não é em derivativo aos trabalhos intelectuais, mas sim em negócio lucrativo cujas exigências se sobrepõem a todas as razões de sã moral e critério educativo.

O jornalista, além das suas observações pessoais, a que adiante faremos referência, ouviu do homem que melhor conhece os meandros do assunto, o mais formal acto de acusação contra a imoralidade reinante no desporto universitário: trata-se do secretário geral da Fundação Carnegie, Howard Savage, que por encargo desta entidade procedeu durante cerca

de dois anos a um inquérito metuculoso, no qual se gastou a bagatela de 103.000 dolares.

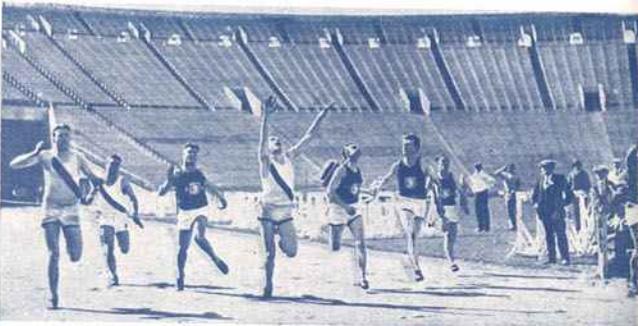
As afirmações de Savage são formais; as universidades americanas são estritamente empresas comerciais, e a necessidade de atrair a clientela leva os a procurar os recursos que proporcionem maior réclamo.

A selecção rigorosa do corpo docente é ineficaz porquanto não existem exames finais que permitam estabelecer um juizo sobre o valor absoluto ou relativo dos alunos que, seja qual for o regime de ensino, concluem sempre os seus cursos a tempo devido. A propagação dos estabelecimentos é então feita em bases diferentes, oferecendo aos pupilos, em vez de ciência árdua, prazer, alegria e desporto.

Cada universidade procura demonstrar a superioridade das suas falanges desportivas e, para isso, não foge a sacrificios na aquisição dos ases indispensáveis para constituir as equipas.

Nenhuma publicidade mais eficaz do que a provocada por um grupo de football (football americano, claro está), que no encerramento da época colleccionou triunfos.

Obedecendo a tais principios, a preocupação educativa é absolutamente nula; o desporto é organizado e praticado com uma finalidade que justifica todos os meios. Trata-se de vencer, não apenas pela vantagem moral da vitória, mas



As provas de atletismo na America já não temo f um as vezes, prantez tribunas vazias

O football americano e o desporto mais popular que se pratica em todo o mundo

PROCESSOS

Os desportos e os escandalos a que dão lugar

pelos lucros e proveitos indirectos que por seu intermédio advêm.

"Um cretino, declarou o prestigioso acusador, tem sempre um lugar assegurado na Universidade desde que seja um possível campeão."

Não se lhe exigem habilitações anteriores nem bagagem científica; há sempre maneira de conciliar as coisas e a hipocrisia vai ao ponto de figurarem como universitários, simples descarregadores dos cais ou homens de profissões semelhantes.

A regulamentação interna desses institutos prevê todas as hipóteses e concilia todos os interesses.

A mais vulgar máscara do profissionalismo universitário é o "job", designação atribuída aos empregos concedidos aos estudantes dentro do pessoal da própria escola e a título de auxílio para pagamento das suas matrículas e mensalidades de internato.

Estes empregos são distribuídos pela secção de educação física com absoluta independência de critério; assim, um estudante distinto, mas pobre, que solicite o favor dum "job", será atendido em último lugar se não tiver qualquer préstimo desportivo.

Os salários atribuídos a estes empregados excepcionais, orçam entre 150 e 200 dolares mensais, o que equivale a 4.000\$00 escudos para desempenhar serviços menores.

Em mais de mil estudantes interrogados em diversos institutos universitários, por Howard Savage, encontravam-se quatrocentos criados de quarto ou moços da café, vinte ajudantes de cozinheiro, duzentos e cinquenta guardas, porteiros, bailarinos, etc. e outros tantos empregados nas secretarias.

Todos estes estudantes, além das suas pseudo-funções, seguem um treino rigoroso e diário, sujeitando-se a estâgios nas vésperas das provas mais importan-

CONDENÁVEIS

universitários nos Estados Unidos da America

tes. Onde fica, então o tempo reservado ao estudo propriamente dito?

Não menos curioso é um outro processo usado para subvencionamento dos estudantes-ases do desporto; recebem, à sua admissão no colégio — que é como quem diz à sua entrada para a equipa — um empréstimo avultado sob caução da palavra de honra, isto é, comprometendo-se elles a restituir a soma entregue quando, após a sua saída, tenham feito fortuna. Não pode ser mais vago, o compromisso!

Finalmente, as Universidades adquirem ainda os seus representantes desportivos, com o auxílio de "bolsas de estudo" concedidas por antigos alunos abastados, sob condição expressa de beneficiar um bom jogador de football, um atleta ou um nadador.

Estes processos têm provocado alguns escandalos retumbantes, à força de exagero. O caso da New-York University é típico.

Instituto de recursos limitados, a N. Y. U. decidiu-se um dia a competir com as suas rivais recorrendo à constituição dum forte grupo de football. Fechou contrato com um técnico famoso, C. L. Meilhan, e deu-lhe liberdade para agir.

O treinador escolhido tinha, sobre a preparação desportiva, ideias muito definidas: "Mostrem-me uma equipa vitoriosa e eu mostrar-lhes-ei uma equipa recrutada." E se bem o pensava, melhor o fez.

Não esteve com cerimónias; se encontrava um pedreiro de ombros largos e pernas ágeis, baptizava-o logo universitário. A qualidade intelectual importava pouco, porque há sempre ocunção para qualquer officio numa empresa comercial da amplitude duma Universidade americana. Quando o atleta descoberto nada sabia fazer, também isso não embaraçava o decidido Meilhan que o transformava em moço de ascensor ou criado de cozinha, em encarregado de apagar as luzes do gymnásio ou apanhar uma vez por dia os papeis e pontas de cigarro caídos na pista de cinza!

Estas extraordinárias revelações são da autoria do próprio Meilhan, que publicou uma série de artigos sensacionais depois de sair da New-York University, por divergências com o Conselho Director.

Actualmente esta escola orientou a sua actividade noutra sentida, menos oneroso e igualmente lucrativo; dedicou-se especialmente ao basket sendo a seu grupo o campeão incontestado da especialidade.

Para se ajuizar do interesse do público americano pelo basket, saiba-se que a receita média dos encontros nocturnos é de 22.000 dolares, a bagatela de quatrocentos



e oitenta contos, disputando a equipa três a quatro jogos por semana.

Os estudantes seleccionados para os grupos de basket, em número de quarenta, sujeitam-se desde Novembro a meados de Março a três horas diárias de treino; este regime parece ligeiro comparado com aquele a que se submetem os jogadores de football americano, 125 "amadores", que durante duas semanas antes da abertura da época vão para estâgio num campo situado a noventa quilómetros da cidade, treinando de manhã à noite. Depois da abertura das classes são entregues aos cuidados do treinador desde as duas horas da tarde à hora do jantar.

Depois de colhidas informações, Roberto Perrier, diligenciou e conseguiu obter dados mais concretos sobre o movimento financeiro do desporto numa universidade americana. Foi Harvard, um dos institutos mais célebres, que lhe forneceu os elementos ambicionados e cujos números nos deixam perplexos.

O balancete final de Harvard em 1934, apresenta no capítulo receitas as verbas seguintes:

Cotisações — 85.902 dolares.
Receitas no Estádio — 428.333 dls.
Receitas no exterior — 90.119 dls.

Temos assim um total equivalente a treze mil e trezentos contos portugueses!

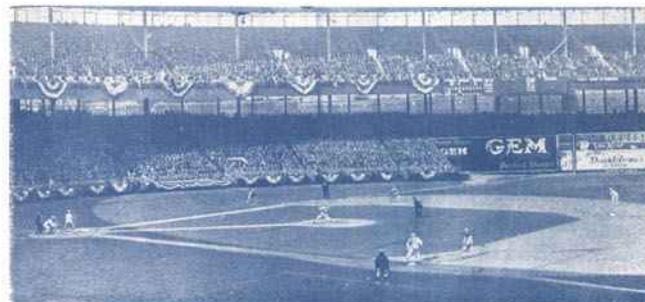
Qual é o club nacional que sonha sequer com a possibilidade de realização duma cotização annual de 1.885 contos, e uma receita no seu campo aproximada a 9.425 contos! São verbas que nos parecem da mais requintada fantasia.

Não menos interessante é a análise do capítulo despesa, onde figuram 780 contos de gastos gerais, 260 contos de equipamentos, 67 contos de selos, 1900 contos de ordenados aos treinadores e 2476 contos de salários ao pessoal.

O beneficio do ano de 1934 cifra-se em 489 contos.

Depois de conhecido este movimento financeiro formidável, definidos os interesses materiais de ordem vária que se ligam com as organizações do desporto universitário o qual é a verdadeira base do desporto americano, onde os clubes são raros, de características especiais e reservados ao escol social, não podemos duvidar um momento da qualidade do "amadorismo", dos estudantes — ou indivíduos considerados estudantes — que são os agentes directos desses lucros fabulosos.

Salazar Carreira.



Um dos desportos mais populares nos Estados Unidos e o basket-ball

O marechal Pilsudski

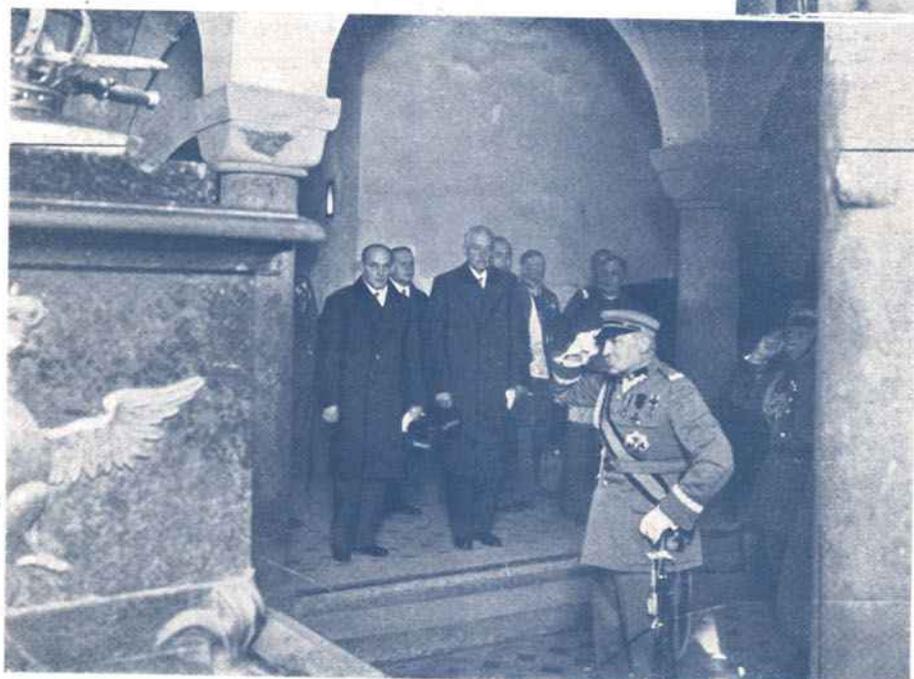
HOMENAGEANDO o 68.º aniversário natalício do Marechal Pilsudski, Restaurador e Cnefe Supremo da Nação polaca, todo o povo polaco no país e fóra da Polónia comemora solenemente o dia 19 de Março, como festa nacional.

Ao nome do Marechal liga-se a Restauração e Independência da Polónia. Foi Ele que durante 40 anos de trabalho, iniciado sosinho, chegou a executar uma obra extraordinária, única na história contemporânea.

Foi Ele que constituiu os fundamentos para a Independência da Polónia, criou um Estado novo e restabeleceu a

a Restauração da Independência da Polónia, e mais tarde pela sua gloriosa vitória sobre os bolchevistas e luta contra toda a corrupção — Pilsudski pode governar a Polónia sem recorrer à força contra qualquer adversário.

Atrás do Governo polaco não está nenhuma força mas diante do Governo



anda uma potência — o Pilsudski que conduz o Governo.

Pilsudski, que sobreviveu a grande guerra, que se bateu contra os Sovietes e viu a tropa vermelha a distância apenas de alguns quilómetros de Varsóvia — nunca atacará outro país, nem declarará a guerra, nem conspirará contra outro Estado. E' um pacifista por excelência.

O povo polaco, considera-o como o seu Chefe Supremo, Organizador, Criador e Restaurador da Polónia Moderna e o dia do seu aniversário é festejado como um dia de festa nacional.

A ESQUERDA: O marechal Pilsudski em contacto com os membros do Parlamento polaco. EM BAIXO: O caminho da tribuna presidencial.

Rita San.

situação potencial da Polónia no mundo internacional.

Já desde 1916, quando da sua proclamação dirigida aos Soldados, Pilsudski dizia:

«assumo o comando no momento em que o coração polaco lateja mais vivo e mais forte, no momento em que os filhos da nossa terra tornam a ver em todo o seu esplendor o sol da liberdade. Como vós sinto a emoção desta hora histórica, como vós juro sacrificar o meu sangue e a minha vida pelo BEM DA PÁTRIA».

que a vida do Marechal se identifica com a história da reconstrução do Estado polaco.

Pilsudski é um soldado de vocação e como soldado exige a subordinação em toda a parte: no quartel, no campo da batalha e no parlamento, mas também exige a subordinação de si próprio.

Não é radicalmente contrário dos direitos da unidade, mas quer apoiar os direitos de individualidade e de cidadão de forma que eles não impeçam o desenvolvimento da ideia criadora do Estado.

Tendo sacrificado toda a sua vida para



UM FILME DE AVENTURAS NA INDIA

Está a exhibir-se com grande êxito nos cinemas das principais cidades da Europa e da América o filme «Aventuras dum lanceiro de Bengala», grande produção da «Paramount» que se anuncia como uma das mais belas de 1935.

«As aventuras dum lanceiro de Bengala» decorrem no ambiente exótico da Índia. A parte documental do filme foi realizada naquele país há mais de três anos, pelo célebre cineasta e explorador Ernest Schoedsack. Mas, no regresso a Hollywood, Schoedsack rompeu o seu contrato com a «Paramount». Ordenar as imagens por êle escolhidas, de modo a formar um todo harmónico de acção contínua, era tarefa de tal maneira difícil que durante muito tempo a ideia esteve

posta de lado. Por fim, a «Paramount» resolveu confiar êsse encargo a um novo realizador, Henry Hathaway, que como assistente dera já provas de grande competência. Hathaway seleccionou um elenco de que fazem parte Gary Cooper, Franchot Tone, Richard Cromwell, Guy Standing, Mont Blue e Kathleen Burke. E á frente dêsses artistas ideou uma aventura dramática, em que as imagens filmadas por Schoedsack têm o mais inteligente aproveitamento.

«Aventuras dum lanceiro de Bengala» é uma história de guerra. Durante uma campanha contra os índios insubmissos, o filho dum oficial superior in-



glês vende ao inimigo o itinerário dum comboio de munições, o que coloca nas tropas britânicas à mercê dum saguinário rajá. Dois lanceiros de Bengala, Gary Cooper e Franchot Tone, conseguem introduzir-se na cidade rebelde dispostos a inutilizar os planos do adversário e impedir que a traição resulte num sangrento revez para os ingleses. Presos como espiões, são submetidos às maiores torturas. Mas, firmes na disposição de não trair a pátria, os dois lanceiros conservam-se obstinadamente silenciosos. No momento crítico porém, conseguem evadir-se do cárcere e sacrificam-se para que a vitória seja dos ingleses.

A acção desta película, cheia de movimento e emoção, não foi fácil de filmar. Diversos acidentes interromperam a realização em Hollywood e arredores. Cerca de duas dezenas de figurantes e técnicos sofreram diversos ferimentos e dois dêles ficaram em estado grave.

«Aventuras dum lanceiro de Bengala» vem ressuscitar, sob novos aspectos, o velho filme de cow-boys, caído em desuso. É um romance de heroísmo e peripécias emocionantes a que a paisagem grandiosa da Índia serve de fundo.





O indiano não tem o horror à morte, não sente o irreparável e quem sabe se não sente também a saudade, esse mal que vai miando hora por hora os que sofrem e que se lembram dos momentos felizes da sua vida, dos entes queridos que perderam e não voltam mais.

Há a esperança da outra vida, mas a cobardia que nos dá o terror da morte, e, que nos tem agarrados à vida, ainda que seja a mais miserável, não nos consente desejar e esperar essa hora em que nos reuniremos aos que primeiro partiram e que eram a vida da nossa alma.

Essa coragem essa valentia que todos os indianos têm e que nós devíamos imitar e que todas as mães deviam dar a seus filhos na educação que lhes ministram.

O amor e o carinho de nossos pais fazem com que de nós afastem a dor, fazem que ignoremos que ela existe. As crianças evitam-se o contacto com a dor, mais tarde pela vida fóra, os pais, e, sobretudo as mães tomam aos seus ombros o fardo mais pesado, para que os filhos não sofram, e de repente a dor que nos espregueia salta-nos e encontra-nos desprevenidos, dilacera-

NADA há de mais certo na vida humana do que a dor, e, nada há que tanto nos surpreenda como o sofrimento físico ou moral.

O sofrer é sempre horrroso, mas o sofrimento físico é mais fácil de combater, sobretudo hoje com as inúmeras descobertas, que se tem feito de anestésicos e estupefacientes, que podem enenear, mas pelo menos evitam que se sinta a dor em toda a sua violência.

Para a dor moral ainda nada se inventou. O ópio, o álcool... mas eu tenho a impressão que os que procuram lenitivo para os seus desgostos nesses dois meios de se atordoar, devem sentir mais violenta a dor no momento em que a embriaguez se esvai pouco a pouco e a sua inteligência recupera a lucidez, que mais vivo torna o contraste entre o viver fictício do seu atordoamento e a vida real tão dolorosa para quem sofre.

A dor espregueia-nos toda a vida e como pantera pronta a armar o salto, mesmo nos momentos da nossa maior alegria, ela tem os seus fulgurantes olhos cravados no ser humano e diz para si: «Folga, folga que não me escaparás».

É assim decorre a vida para todos e tão mal preparados estamos para sofrer. A dor é sempre uma surpresa, a hóspede inesperada que entra em nossa casa, nela se instala e connosco vive, martirizando-nos hora a hora, momento a momento.

O tempo a gastar é a consolação geral. Sim, o tempo gasta a dor, e com ela gasta-nos também a nós que não voltamos nunca mais a sentir a alegria infantil e completa que se tem quando ainda se não sofreu.

Mas o remédio está na educação, os orientais, sobretudo os indianos têm um verdadeiro estoicismo para o sofrimento físico e moral. Desde a mais tenra infância que habituados a contemplar o sofrimento e a morte, têm uma resignação quasi desumana na maneira de sentir.

-nos, como presas fáceis, sem resistência nem vigor.

As mães devem criar os seus filhos no contacto com o sofrimento, fazê-los compreender e partilhar os desgostos de família, habituá-los a encarar o desgosto, a morte, a saudade, tudo o que há de horrível na vida, para que pouco a pouco a sua alma endurecida se habitue a que há-de sofrer mais cedo ou mais tarde, que não há vida humana isenta de dor, livre de sofrimento, que a felicidade se chega a existir, tem sempre um fim, e que a dor é sempre o ponto final.

Não criar iludidos, fazer ver a todos que se tem de sofrer, não querer envolver em algodão em rama aqueles que serão açoitados com espinhos. Mais suave a epiderme sentirá mais fortes as fustigações. E, que todos tenham o convencimento de que não há vida sem dor.

Maria de Eça.

A Moda

ESTAMOS na primavera e é necessário tratarmos das «toilettes» para a mais bela estação do ano, mas também a mais traiçoeira. Em época nenhuma é tão difícil sabermos o que devemos vestir.

De manhã faz frio, de dia à hora do sol chega a fazer calor e à noite volta o frio a claudicar-nos. É pois muito difícil saber o que se deve vestir nestes traiçoeiros dias de primavera.

A Moda, porém, que a tudo atende, dá-nos por onde escolher e nos ligerá vestidos de lã e nos casacos fortes, temos uma defesa para a variedade de temperatura.

Damos hoje alguns modelos muito aproveitáveis nesta época.

Um vestido em lã azul escuro no género russo tão apreciado este ano. A saia de túnica é guarnecida ao pegar com o corpo completamente liso e moldando o busto com três grossos cordões forrados da mesma fazenda. Os canhões e

PÁGINAS FEMININAS

a «écharpe» graciosíssima e duma grande originalidade, são também em cordões.

Completando a graciosa «toilette» e marcando bem o seu estilo russo, um barrete na mesma fazenda guarnecido com «torsades» de cordões como o vestido.

A carteira e os sapatos são em pelica azul escura. Meias e luvas «beije» claro.

Para a noite voltam a usar-se os vestidos em tôle, as «berthes» e os folhos. Estes vestidos duma incomparável frescura favorecem muitíssimo as raparigas muito novas e tornam-nas verdadeiramente encantadoras.

O modelo que hoje damos é em tôle branco cor de marfim. A saia toda em folhos e êsses folhos todos guarnecidos com fitas de setim.

O corpo muito simples é abotoado na frente e guarnecido com uma «berthe» toda enfiçada a fitas de setim o que dá também ao decote,



que é pequenissimo, uma grande frescura. É um verdadeiro vestido para um primeiro baile.

A primavera com os «tailleurs», traz-nos de novo as blusas. Efectivamente nada há de mais pratico do que as blusas. Com uma saia de «tailleur» ou uma saia de setim preto, e, três ou quatro blusas, podem obter-se as mais variadas combinações e arranjar «toilettes» de manhã, de tarde e de noite. É talvez essa a razão porque voltaram a estar tanto em voga, as blusas, que tinham sido abandonadas e esquecidas há alguns anos.

Damos hoje uma blusa género «tailleur» absolutamente marcado. Dama grande simplicidade, a guarnição pode dizer-se que é formada pelas riscas do tecido em que é feita.

Essas riscas enviadas na frente e nas costas, são a direito nas mangas e na bainha da frente. Em vermelho e «beije» é abotoada com grandes botões vermelhos, que seguram também o faço

enviado que forma a sua única guarnição. É pratica e muito bonita.

Para casa é sempre necessário ocupar-nos dos trajos de manhã. Damos hoje um lindo modelo em veludo adamsado amarelo claro guarnecido a cisne branco. É um destes «saut de lit» de luxo que convém às noivas que levam um enxoval «chic» e que não limitam a sua elegância aos vestidos de rua e de baile. A elegância em casa é também muito para atender.

Higiene e beleza

UMA das coisas que mais prejudica a beleza da mulher são as noitadas. A senhora de sociedade, que perde quasi todas as noites em bailes e festas, prejudica muito a sua mocidade e a sua beleza. O organismo da mulher é, em geral, débil e necessita do indispensável repouso, para que a sua saúde se não ressinta e assim a beleza, essa frágil flôr que tão facilmente desaparece nos rostos que não têm as linhas da grande beleza clássica, que essa a tudo resiste, até mesmo aos anos. A mulher que deseja conservar-se fresca deve deitar-se o mais tardar à meia noite e dormir até às 8 horas. Não deve conservar-se na cama até tarde porque faz perder a agilidade, e dos 35 anos em diante engorda a mulher, fazendo com que deixe de ser esbelta e graciosa de movimentos.

Durante o dia deve fechar os olhos num completo repouso ainda que seja só por um quarto de hora. A alimentação tem também uma grande influência na conservação da mocidade e frescura. Depois dos trinta anos não se deve abusar da carne e do peixe. A alimentação, não havendo prescrição médica em contrário, deve basear-se em vegetais e frutas.

De manhã chá preto e torradas. À uma hora



deve fazer-se a principal refeição do dia. Sópa, um prato de carne ou de peixe, vegetais, fruta, doce. Às cinco horas ou cinco e meia, uma chavena de chá e uma torrada, e podendo prescindir desta refeição melhor será.

À noite, às 8 horas, um prato de sópa, vegetais, fruta ou doce. É da maior conveniência não se deitar com o estômago cheio o que muito prejudica a digestão e portanto a higiene geral. Tendo o devido repouso e uma alimentação cuidada, a mulher conserva a sua beleza e frescura até muito tarde, não estragando a pele que muito se ressentido do mau funcionamento do aparelho digestivo e da falta de repouso de que não prescinde o organismo humano.

Receitas de cozinha

Estufado de carne: O estufado de carne constitui um magnífico prato para frios, e prepara-se da seguinte maneira: 1.º corta-se a carne em

bocados de cerca de 80 gr. Um quiló e meio é suficiente. Pica-se cada bocado, tempera-se com sal, um pouco de especiarias e salsa picada. Depois conserva-se durante 2 horas em escabeche com três copos de vinho branco, quatro colheres de cognac, algumas cebolinhas picadas e pés de salsa. 2.º preparam-se 200 gr. de presunto bem escaldado e cortado em dados, três cebolas picadas, duas cabeças de alho esmagadas, três cenouras cortadas em rodelas grossas, 100 gr. de pele de porco fresca, partida em pequenos bocados, um pouco de mão de vaca muito bem desossada e cortada em bocados. 3.º passam-se estes bocados em boa manteiga, ou banha de porco, até ficarem bem corados duma e doutro lado.

Colocam-se depois estes bocados numa travessa, às camadas, alternando-as com camadas de cenouras, cebolas, alho, presunto, mão de vaca eervas de cheiro. Junta se-lhe o vinho do escabeche e a calda em quantidade suficiente para que a carne fique coberta e leva-se ao forno em calor moderado, para que a ebulição seja



lenta e regular durante 5 horas e meia. A carne é servida na mesma travessa em que se cozinha devendo ser própria para ir ao forno.

De mulher para mulher

Indecisa: A resposta é difícil, naturalmente que uma pessoa religiosa e observante das leis da igreja, não dá festas dançantes na Quaresma. Para as que não têm convicções religiosas é indiferente. Se o seu receio é não ser elegante como me parece deduzir da sua carta, não o deve fazer.

Maimaquer: Tem razão, e é necessária toda a cautela com êsses namoricos de Carnaval. Se alguns não passam duma distração da época os outros vão avante e nem sempre é uma felicidade.

Sendo as suas filhas tão ingénuas como diz, deve vigiá-las e informar-se de quem são os rapazes. Mas as raparigas de hoje não são tão ingénuas como às vezes parecem.

Furpela: São tão parecidos os nossos costumes que me não admira que uma italiana se sinta bem em Portugal. Para música o melhor é fazer o curso do Conservatório, que lhe facilita mais tarde o ensino, aqui ou no seu país.

Vilha: Se o lóssé não o dizia. Não se preocupe com êsses cabelinhos brancos, até dada graça e interesse a uma cara fresca e rosada como me diz possuir. Não os pinte. É horrível.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Mo-nossilábico, de Miguel Caminha.

A «TERTÚLIA EDÍPICA» E O SR. «A, BRUNO»

A propósito da notícia que sob este título inserimos no n.º 28 desta secção, recebemos uma carta do sr. Vitor Pedroso — «Visilpe» — desconhecido para nós nas lides edípicas, onde pugnamos vai para mais de vinte anos, a que não respondemos por ser alheia a todas as regras da delicadeza e do respeito mútuo, por conter insinuações e afirmações que só *personalmente* poderíamos rebater e porque não possuímos, como signatário, *furore scribenti*.

Arvorou-se aquele desconhecido e intruso em procurador de causas perdidas — *veritas odium parit* —, e vá de expandir a sua fúria às cegas, sem a mínima consideração e atirando nos, segundo creê, com um estrondoso esfregar de mãos, o fatal *coup de grâce!*

A nossa local, como a título bem claramente dizia, visava única e simplesmente o sr. A. Bruno, pessoa a quem cabem todas as responsabilidades de tão infeliz campanha, da qual, por certo, já muito se deve ter arrependido, como se depreende agora, em que até permite, ou assalaria, defensores. *Né, sutor, ultra crepidam*...

Portanto, o sr. A. Bruno que varra a testada, se ainda achar que tem razão ou que o deve fazer — e não um leigo na matéria, sem capacidade intelectual e com balofas pretensões a advogado...

Com isto damos por terminada, nestas colunas, a questão, na parte que nos respeita.

CORREIO

Márius. — Lisboa. — Os nossos sinceros agradecimentos pela remessa de trabalhos que teve a gentileza de nos enviar.

Dr. Mirões. — Lisboa. — Continuamos a aguardar, esperançosos, o cumprimento da sua promessa...

APURAMENTOS

N.º 22

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

TROMBONE DE VARAS

N.º 3

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

IGNOTUS SUM

N.º 4

OUTRAS DISTINÇÕES

Veiga, n.º 8; Frei Satanaz, n.º 1; Efonza, n.º 2;

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 8 pontos:

Frá-Diávolu, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Salustiano, Rei-Luso, Alfa-Romeo, So-Na-Fer, Ti-Beado, Lamas & Silva, Sonhador.

QUADRO DE MÉRITO

João Tavares Pereira, 7. — Aldeão, 7. — Lisbon Syl, 7.

OUTROS DECIFRADORES

Dona Dina, 3.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 31

DECIFRAÇÕES

1 — Cara, para, cora, cala, caro. 2 — Desporto mental. 3 — Nacada. 4 — Figulino. 5 — Maioral. 6 — Lanceada. 7 — Cómico. 8. — Rei morto, rei pósto.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Errei! E só por isso me hão julgado falso (2-2) 3.

Lisboa

Só Darcy Júnior

2) Achei um tesouro, num canal coberto, que há mais de trezentos anos estava oculto. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beado.

NOVÍSSIMAS

3) A intriga torna «um» caso intrincado. 3-1.

Lisboa

Lérias (T. E. — T. M.)

(Ao «Zé Banana»)

4) Se não merecia a reprovação, confesso que é com tristeza que o vejo chumbado! 2-1.

Lisboa

Olho de Lince (T. E. L.)

5) Não me oferece coisa nenhuma? 1-1.

Luanda

Ti-Beado

(Ao pacato «Rei do Sêbo»)

6) Logo que a «sentença» foi lida o condenado foi reconduzido a prisão. 1-2.

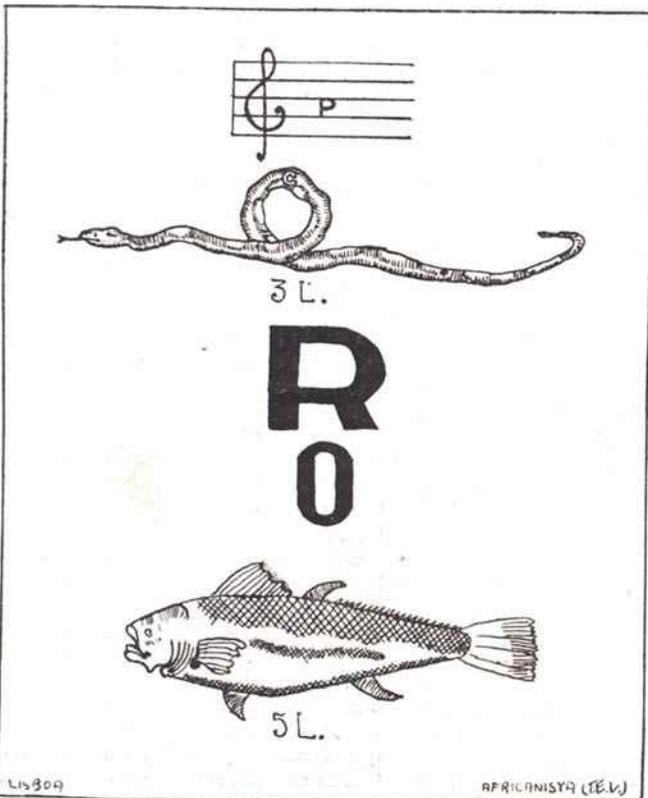
Lisboa

Vidalegre (S. C. L.)

TRABALHOS DESENHADOS

ENIGMA FIGURADO

19)



3 L.

R
O

5 L.

SINCOPADAS

7) O «Dique» Turpin era um grande latação! 3-2.

Lisboa Ferjebatos (T. E. L.)
(Ao amigo «Lérias»)

8) A tua lábia não me «toca»... 3-2.

Lisboa Leiharg (T. M.)

9) É desgraçado moralmente o procedimento de certas pessoas envolvidas num légro vão 3-2.

Lisboa Micles de Tricles (S. C. L.)

10) Um légro origina por vezes uma cena de pancada. 3 2.

Lisboa

Márius (T. E)

(Ao amigo «Pinocca»)

11) O teu barrête só merece censura... 3-2

Lisboa

Reinadio

12) Quando me encontro com o diabo, rezo logo uma prece. 3-2.

Luanda

Ti-Beado

(«Justa»...)

13) Diga-me com exactidão qual a cor do seu sangue... 3-2.

Lisboa

Visconde da Relva

TRABALHOS EM VERSO

NOVÍSSIMAS

14) A «mulher» acanhada — 3
Por coisa nenhuma — 2
É capaz de assistir
A uma patuscada.

Luanda

Ti-Beado

(A «Micles» e «Sácrista», a respeito duma contenda...)

15) ... pois a força, meus amigos, — 2
é «um» meio bem patente — 1
de acabar com os sabidos,
só ficar quem é valente!

Lisboa

Vidalegre (S. C. L.)

16) Num crime premeditado,
Não há consideração
Pelo criminoso vilão,
Que é sempre um ser desgraçado.

E, então, se é culpado,
Quer pelo sim pelo não
Fica logo engaiolado,
Isto é, vai p'ra prisão.

Cumprir pois a sua pena
Entre quatro paredes,
Eis o que tem a fazer — 1

O que matou a Helena, — 1
A pequena que melões
Andava aí a vender.

Lisboa Zé das Hóstias

ENIGMAS

17) Ao nobre tira cinquenta
E coloca-lhe mil
E mais nada lhe pondo
Encontras reino subtil.

Lisboa Augusta Vitória

18) Tem em mãos um bico de obra
O nosso Gil conhecido,
Que, a despeito do seu caco,
Inda o não viu resolvido ...

Vai ter com Sá, seu amigo,
Porque pensa, justamente:
Vem bem mais quatro olhos
Do que os meus dois simplesmente...

Sá e Gil então começam
A examinar a questão,
Da qual, em breve, conseguem
Verídica solução ...

V. S. Pôrto-Bié Efonza

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE



Casamento da senhora D. Maria Margarida Peixoto com o ilustre cirurgião assistente da Maternidade, sr. dr. José Francisco Correia de Lacerda da Costa Felix, realizado na paróquia de S. Mamede (Fot. Serra Ribeiro)

Rosado, major Pinheiro Correia e esposa, Dr. Bueno do Prado e esposa, Dr. Teixeira Soares e esposa, Rafael Correia de Oliveira e esposa.

— O ilustre Ministro dos Estados Unidos da América, professor sr. Roberto Caldwell e esposa, ofereceram no palácio da Legação, à rua do Sacramento um jantar em honra do Ministro dos Negócios Estrangeiros sr. dr. Caeiro da Mata, e do Ministro das Colónias sr. dr. Armindo Monteiro, ao qual foram convivas além dos homenageados, o Ministro da Bélgica e esposa, Ministro da Noruega, Encarregado dos Negócios da Tchecoslováquia e esposa, D. Lúcia Infante de La Cerda Monteiro, Dr. Costa Lobo, coronel Augusto Botelho da Costa Veiga, D. Albertina da Câmara Rodrigues Walden Supardo, senhora de Magruder, senhora de Mitjana, senhora de Prague e dr. José de Almada.

— O ilustre Ministro de Itália, sr. Alberto Tuozzi e esposa, ofereceram no palácio da Legação, à Calçada do Conde de Pombeiro, um jantar a que assistiram os srs.: Núncio Apostólico, Embaixador de Inglaterra e esposa, Ministro dos Países Baixos, Ministro da Dinamarca, Ministro da Roménia e esposa, Encarregado dos Negócios do Japão, Encarregado dos Negócios de Cuba e esposa, primeiro secretário da Embaixada de Inglaterra, sr. Keneth Tem-

ple Gurney, terceiro secretário da Embaixada de Inglaterra, sr. Peter Scarlett e esposa, secretário da Embaixada de Espanha sr. D. Carlos Martinez Orense e esposa, Condessa de Moulins-Eckart Monsenhor Antonietti, Conde de Tovar e esposa, D. Lidia de Barbosa de Magalhães, Conde de Séze e Pietro De Paolis.

— No salão de mesa do Aviz Hotel, ofereceram ao Secretário da Legação, em serviço da Reparação do Protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros sr. dr. Carlos Pinto Ferreira e esposa, um jantar de despedida ao ilustre ministro da Polónia, que acaba de ser colocado em Espanha, e esposa, e ao primeiro Secretário da Embaixada do Brasil, em Tóquio, sr. dr. Moreira de Abreu e esposa, ao qual foram convivas os srs.: D. Francisco Ramirez de Montesinos e esposa, Luís Barreto da Cruz, Condessa de Moulins-Eckart, D. Carlos Martinez Orense e esposa, D. Lidia Barbosa de Magalhães e Dr. Manuel Fontes Pereira de Melo da Fonseca.

— O ilustre ministro da Dinamarca, em Portugal, sr. Andreas Oldenburg, que se encontra hospedado no Aviz Hotel, ofereceu no salão de mesa do mesmo hotel, um jantar ao consul geral, em Lisboa, sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto, ao qual assistiu a família Pinto Basto.

Banquetes

— A Fosforeira Portuguesa, ofereceu no salão de mesa do mesmo hotel, um almoço íntimo, a que assistiram os srs.: dr. Caeiro da Mata, dr. Carneiro Pacheco, Hildefonso Gonzalez Fierro, Ramon Viña Vina, dr. Joaquim da Silveira, Heliodoro Ruiz Arias, Manuel Joaquim da Silva Pedro, Alfonso Gonzalez Fierro e António Teixeira.

— Em honra do ilustre clínico alemão professor sr. dr. Muhlens, foi oferecido no mesmo salão, um jantar íntimo, ao qual foram convivas além do homenageado os srs. drs. José Sobral Cid, Azevedo Neves, Nicolau de Bettencourt, Toscano Rico e Celestino da Costa.

— O almirante sr. Augusto Osório, ofereceu no salão de mesa do Aviz Hotel, um almoço de despedida, ao sr. dr. Moreira de Abreu, ilustre primeiro secretário da Embaixada do Brasil, no Japão, e a sua esposa, a sr.^a D. Pepita Moreira de Abreu.

Festas de caridade

No SÃO LUIZ CINE

Na tarde de quarta-feira, 20 de Março último, realizou-se no aristocrático São Luiz Cine, uma festa de caridade, a favor da benemérita instituição Patronato de S. Sebastião da Pedreira, que apesar de recentemente fundada, já sustenta e educa 150 crianças pobres, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e corpo diplomático, sob a presidência da sr.^a D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, esposa do ilustre Chefe do Estado, sr. general António Oscar Fragoso Carmona, e da qual faziam parte D. Belém de Montesinos, Condessa de Proença-a-Velha, Condessa de Taboira, D. Constança Pessanha, D. Emília de Tapia, D. Helena de Moura, D. Lidia Gomes, D. Maria Georgina Oom, Marquesa do Funchal e D. Palmira Diogo da Silva de Somer.

O programa era formado por filmes e por números de variedades, que deixaram na selecta assistência, que enchia por completo a vasta sala de espectáculos, a melhor impressão.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

Diplomatas

O ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal, sr. dr. Adalberto Guerra Duval, ofereceu no Palácio da Embaixada, à rua António Maria Cardoso, um jantar, ao qual foram convivas: Ministro da Guerra Luiz Barreto da Cruz e esposa, brigadeiro Silveira e Castro e esposa, coronel Anibal de Passos e Sousa, tenentes-coronéis Luiz da Canha e Almeida, Augusto Esmeraldo Carvalhais e Mendes de Moraes e esposa; capitão-tenente Pedro Ferreira

Casamento da senhora D. Fernanda Verginia Teles dos Reis com o tenente de artilharia sr. José Roseira Boviada, realizado na paróquia de Santa Isabel. Os noivos por ocasião da troca das alianças (Fot. Serra Ribeiro)





A senhora D. Maria da Conceição Mesquita Patacho e o sr. Fernando Ribeiro de Matos por ocasião do seu casamento, realizado na Paroquia dos Anjos (Foto Serra Ribeiro)

fidalgas qualidades de caracter.

Casamentos

Realizou-se na paróquia de São Mamede, com grande brilhantismo o casamento da sr.^a D. Maria Margarida Peixoto, gentil filha da sr.^a D. Mary Peixoto e do illustre engenheiro sr. Rodrigo Peixoto, director do Banco Lisboa e Açores, com o distinto cirurgião assistente da maternidade sr. dr. José Francisco Correia de Lacerda da Costa Félix filho da sr.^a D. Maria Correia de Lacerda da Costa Félix e do coronel do Estado Maior sr. José da Costa Félix.

Foram madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Elvira Aruher e a mãe do

noivo e padrinhos os pais dos noivos. Celebrou o acto religioso o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocação. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva à rua Braamcamp, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para a esplendida residência dos pais da noiva em Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paróquia de Santa Izabel realizou-se o casamento da sr.^a D. Fernanda Virgínia Teles dos Reis e do sr. João Batista dos Reis, com o distinto tenente de artilharia sr. José Roseiro Boavida, filho da sr.^a D. Herminia Carreira Boavida e do capitão sr. Manuel Roseira Boavida, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Mesquita Patacho, gentil filha da sr.^a D. Armanda Mesquita Patacho, já falecida, e do coronel de infantaria sr. Domingos Barreira da Silva Patacho, com o sr. Fernando Ribeiro de Matos, filho da sr.^a D. Leopoldina Ferreira de Matos e do sr. Daniel Ferreira de Matos.

Foram madrinhas a sr.^a D. Maria Amália Patacho de Mesquita e a mãe do noivo e padrinhos

os pais dos noivos. Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Em Almada, realizou-se na igreja matriz, o casamento da sr.^a D. Eulália Abally Bayo, interessante filha da sr.^a D. Helena Abal-

Casamento da sr.^a D. Eulália Abally Bayo com o sr. Salomão José da Silva, celebrado na igreja de Almada

ly Bayo, e do sr. Ramon Bayo, já falecido, com o sr. Salomão José da Silva, filho da sr.^a D. Rosa Prazeres da Silva e do sr. José da Silva.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Auria Abally Bayo, irmã da noiva e D. Regina Méco, e de padrinhos os srs. Major Artur Lobo da Costa e Eduardo Méco.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia de Santa Engrácia, realizou-se o casamento da sr.^a D. Alda da Silva Ponce y Sanchez del Barco, gentil filha da sr.^a D. Laura da Silva Ponce y Sanchez del Barco e do sr. dr. Santiago Perez y Sanchez, já falecido, com o sr. Diogo de Lemos de Seixas Castelo Branco, filho da sr.^a D. Maria Teodósia de Barros e Vasconcelos de Lemos e do sr. João Carlos de Lemos de Seixas Castelo Branco.

Serviram de madrinhas a mãe e a tia da noiva sr.^a D. Maria Candida Ponce y Sanchez Barco de Medeiros e de padrinhos o pai e o tio sr. Victor Manuel de Barros e Vasconcelos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da mãe da noiva um finíssimo lanche, partindo os noivos para a Africa Ocidental, onde vão fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Foi pedida em casamento pelo brilhante dramaturgo brasileiro sr. Joracy Camargo, para o seu patricio o notável actor sr. Procópio Ferreira, a sr.^a D. Maria Clotilde de Mascarenhas e Meneses Garcia, interessante filha da sr.^a D. Maria Clotilde de Mascarenhas e Meneses Garcia e sr. Arsénio Ferreira Garcia, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Sendo celebrante o prior da freguesia, reverendo Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocação, realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Aurora Rodrigues Silvans de Moura Brito, gentil filha da sr.^a D. Lucinda Rodrigues Silvans de Moura Brito e do sr. José António de Moura Brito, com o sr. Hermes da Fonseca Nobre, filho da sr.^a D. Maria Clementina da Fonseca Nobre e do sr. Leonel António Nobre.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Ester Augusta Calado Ramos e D. Gracinda da Fonseca Cunha e padrinhos os srs. Henrique António Ramos e José Luiz da Cunha.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos para o Mont' Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho Manuel, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Ana Elvira Lopes da Silva esposa, do sr. Manuel da Silva, a sr.^a D. Maria da Nazaré Albuquerque Pires, interessante filha da sr.^a D. Glória Albuquerque Pires e do sr. José Maria Pires.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o corrente ano.

D. Nuno.



Recepções

Os illustres artistas D. Lucília Simões Braga e Erico Braga, ofereceram na sua elegante residência ao Alto de Santa Catarina, uma interessante festa em honra dos illustres brasileiros, o brilhante dramaturgo Joracy Camargo, o notável actor Procópio Ferreira, festa que foi iniciada por vários números de fados por um grupo de cultivadores da canção nacional, «como agora se chama, a quem canta o fado», com acompanhamento de guitarra e viola, que se fizeram ouvir em alguns dos melhores números do seu repertório

Acabado o número de fados, foi aberto o salão de mesa, da elegante residência, que nessa noite se encontrava transformado em um retiro popular caracteristicamente português, decorado com festões de papel e balões, que produzia um efeito verdadeiramente encantador e onde foi servido em pequenas mesas uma «ceia retintamente à portuguesa», tendo no final improvisado um pequeno serão, em que tomaram parte o notável actor Procópio Ferreira, que recitou magistralmente várias poesias dos melhores poetas do seu país, o nosso colega na imprensa brasileira Pandiá Pires, que disse vários versos da sua autoria, e o nosso querido e popular actor Estevão Amarante, que cantou acompanhado pelo quarteto de António Soares, alguns fados, do seu repertório.

Durante a ceia, fez-se ouvir o mesmo quarteto, que executou um repertório de canções brasileiras em voga, que foram cantadas ao desafio por Procópio Ferreira, Pandiá Dias, Nascimento Fernandes e Estevão Amarante, os solos, sendo os coros feitos todos por os assistentes.

Acabada a «ceia» dançou-se animadamente até perto das sete da madrugada, sempre num crescente de animação, tendo havido também vários bailes de roda, marcados com fino espírito por vários dos assistentes.

Nessa noite a elegante residência dos nossos dois artistas, onde se encontram espalhadas grande número de reliquias que recordam triunfos, que não esquecem, viveu momentos de um extraordinário prazer espiritual, que decerto se não apagarão tão cedo da memória de todos aqueles que a eles assistiram, onde se notaram as seguintes pessoas:

Dr. Adalberto Guerra Duval, Dr. Abelardo Bueno do Prado e D. Nahir Bueno do Prado, Dr. Alvaro Teixeira Soares e D. Pepita Teixeira Soares, dr. Henrique Missa e D. Maria do Natal Maravilhas Missa; Rafael Correia de Oliveira e D. Dina Correia de Oliveira, dr. António da Fonseca e D. Julieta Simões da Fonseca, João Bastos, Joracy Camargo, Procópio Ferreira, Pandiá Pires, Nascimento Fernandes e D. Maria Reis Fernandes; Estevão Amarante, D. Maria Beatriz Cardoso da Fonseca e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Os illustres artistas tiveram nessa noite ocasião de mais uma vez pôr em destaque as suas

DANTES, as prestações só se pagavam dívidas e se compravam mobílias e objectos de uso indispensável.

Com o evoluir dos tempos, reconheceu-se, e muito bem, que essa maneira podia aplicar-se a fornecimentos de ordem moral, mas em sentido inverso — dar, em vez de receber.

E começaram aparecendo as semanas filantrópicas, em benefício duma ou outra instituição de beneficência, porque está provado que as almas caridosas, por descuido

ou falta de tempo, adiam o óbulo projectado; e assim, pedindo-lho directamente, mais depressa entra a esmola no bolso dos necessitados.

Há quem se insurja contra esta prática, a que chama uma verdadeira praga.

Os que assim pensam não têm razão. Se soubessem o sacrifício que fazem as criaturas que andam na faina de pedir para os outros, arrostando com más criações de alguns e com a má vontade de muitos outros, contribuiriam com mais gentileza para empresas de tão piedosos fins.

O que vale é que quem se sujeita a constipações e pneumonias, correndo as ruas para levar aos desgraçados um pedaço de pão ou uma manta, aliviando-os da fome e do frio, já fez de ante-mão a imolação dos seus sentimentos de revolta contra a injustiça, e sofre impavidamente e serenamente as arremetidas de certos zoilos ignorantes e toleirões.

As gentilezas que vão colhendo, como flores dispersas entre cardos, compensam e consolam de arremessos e protestos contrariando lindas intenções.

Depois das semanas de caridade, seguiram-se outros períodos igualmente meritórios, que tendo por objectivo a esmola educativa não ficaram, pela importância, inferiores aos que os antecederam.

E então tivemos a semana da uva, que é uma bela lição de higiene alimentar, porque o povo come muito, mas não sabe comer.

A higiene é uma boa prática e, quando bem entendida, de sumo valor para o

CARIDADE—PREVIDÊNCIA—BONDADÉ

PRESTAÇÕES VALIOSAS

aperfeiçoamento da raça. Tanto assim, que a própria religião cristã, que se destina ao tratamento das almas, também a inclui nos seus artigos de prédica, indicando a sexta-feira para comer peixe e a quaresma para uma seqüência de sobriedade.

Tivemos ainda há pouco tempo a semana do mutualismo com visos mais levantados ainda, que ensinava o povo a olhar pelo seu futuro e de seus filhos, iniciativa feliz de João Pereira da Rosa e do "Século".

O futuro parece não preocupar muito o nosso povo, que com o seu optimismo se contenta em ir tendo dia a dia o necessário pão para a bôca.

O que mais inquieta o operário português é a hora da morte.

E faz muito mal em pensar apenas na última viagem. É preciso cuidar da vida, no que ela tem de triste e de difícil. Uma doença, um desastre podem levar às portas da miséria os que apenas contam com os proventos do seu trabalho. E isto só se consegue com a economia, que é a base fundamental do bem estar individual e colectivo.

Essas economias reduzidas a quotas de qualquer sociedade que possa fazê-las render, numa hora infeliz, ficam bem

empregadas e garantidas contra qualquer tentação de dispêndio.

Tôdas estas iniciativas semanais tiveram, portanto, um grande alcance. Mas não bastam para formar integralmente a alma dos homens de amanhã.

"Plantar uma árvore e ter um filho", como quere o filósofo, não chega para dar o homem perfeito, como a caridade a previdência e a higiene não são suficientes para conduzir a uma existência feliz e útil ao

mesmo tempo. E para preencher essa lacuna veio finalmente a semana da bondade.

A bondade é uma transformação da caridade que nem todos compreendem.

Receber a esmola material do pão e do agasalho, é precioso para quem tem fome e frio.

Mas há outra fome e outro frio que precisam ser aliviados: a fome de ternura e o frio da injustiça.

E aí é que a bondade brilha em todo o seu esplendor, consolando as almas sofredoras com um gesto piedoso e uma palavra amiga.

E como é preciso que as crianças saibam que há no universo outros seres criados por Deus que sentem como nós, a *Sociedade Protectora dos Animais* teve em vista ensinar a tratar os pobres irracionais e a cuidar das plantas como se fôssem gente.

E só assim com os três ensinamentos primaciaes do espírito, Caridade, Providência e Bondade, as nações encontrarão a verdadeira estabilidade nas fileiras da Civilização e do Progresso.

Seria uma ingratidão e um crime, não deixar frutificar tão benéfica sementeira. Que não se diga, para honra nossa, que as boas sementes morrem à míngua de cuidados, na inteligência do nosso povo.

Mercedes Blasco.



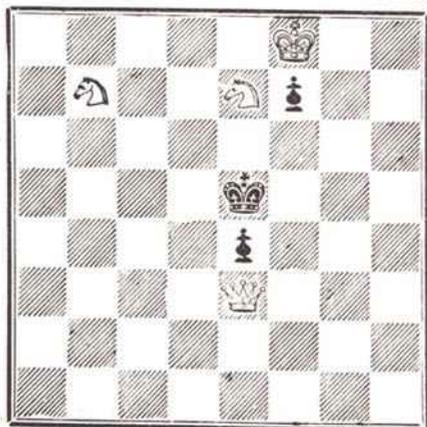
Dois actos da «Semana da Bondade»: Plantação duma árvore pelos alunos de «A Voz do Operário» e um almoço aos pobres servido por crianças na Escola Oficial n.º 1

Xadrez

(Problema)

Branças 4

Pretas 5



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

Que vem a ser isto?

(Passatempo)



Olhando de repente para estes traços, todos perfeitamente iguais, ninguém dirá que isto seja uma palavra e no entanto assim é. Adivinhem-na.

Não é bem conhecida a pátria do ananaz, mas é muito provável que seja originário da América. De Candolle diz que parece ter sido encontrado pelos colonizadores, no estado selvagem, nas terras quentes do México, na provincia de Veraguas, próximo do Panamá, e ainda na Guiana e na Baía (Brasil). Foi introduzido pelos primeiros colonos na Africa, e na Asia, disseminando-se por toda a costa da Guiné, Congo, ilhas Maurícias, Índia, etc. Hoje, o ananaz é base duma das mais importantes culturas.

Humor britânico



O director da agência (para a cliente que vem contratar uma celebridade para uma festa de arte em sua casa):
— Que lhe parece Madame d'Oprano?

A cliente: É boa?

O director: — Boa! Ora essa, é uma grande virtuose.

A cliente: — Não me interessa a sua moralidade. Pergunto se canta bem?

(Do "London Opinion").



Bridge

(Problema)

Espadas — A., 9, 5, 4, 3.

Copas — 2.

Ouros — A.

Paus — —.

Espadas — 8, 7, 6.

Copas — R.

Ouros — R., 2.

Paus — R.

Espadas — D., V., 10.

Copas — D.

Ouros — V., 10.

Paus — D.

Espadas — R., 2.

Copas — A.

Ouros — D., 3.

Paus — A., 2.

Trunfo é copas. S joga e faz todas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga a carta mais pequena de espadas, N cobre e joga o Az de ouros, sobre o qual S se balda a uns paus. N joga a carta pequena de ouros, S corta e faz, em seguida, as suas duas vasas de trunfo.

O deve guardar uma carta de ouros superior ao Valete, e E deve guardar umas espadas superiores ao oito; tanto um como outro jogam portanto espadas na primeira vasa de trunfo e N balda-se também a carta pequena de espadas. Mas na segunda vasa de trunfo, não é possível a E nem a O continuarem a defender os dois naipes.

Palavras cruzadas

(Solução)

m	o	r	a	r		r	a	m	o	s		
a	f	i	z		m	a	r	a	b	i		
t	i	o			a	r		r	u	m		
a	r	t		s	a	s		s	a			
s	c	o	o		b	o	a		o			
	p	a	r	c	i	m	o	n	i	a		
	e	s	p	i	c	a	ç	a	d	o		
u	o	o			a	t	a		g			
i	r	r		m	u	a		m	a			
v	a	s			a	s		s	i	m		
a	r	o	s		s	o		p	e	t	o	
r	o	m	a	o				p	a	r	o	s

Relógio de novo género

Um jovem engenheiro de Neuchâtel (Suíça) requereu patente de invenção de um relógio perpétuo, isto é, que funciona sem que haja necessidade de se lhe dar corda, accionado pelas variações da temperatura e da pressão atmosférica.

Os seguros

O sistema de seguros parece ter sido conhecido já pelos antigos Fenícios, mas o seguro contra incendios é muito mais recente. Não se encontram referências a êle em documentos anteriores ao século xvii.

Ao que parece, foi em 1731, na Dinamarca, que se fizeram as primeiras operações desse género. A Inglaterra foi a primeira a adoptá-lo, em 1741, estendendo-o a vida humana.

Fundou-se então, em Londres uma companhia, que operava de modo curioso:

Quando uma criança nascia, seus pais podiam depositar determinada quantia em seu nome. Se a criança morresse antes de completar 12 anos, perderiam essa quantia; se ela continuasse a viver, receberia anualmente, durante toda a existência, quantia semelhante.

Preferências musicais alemãs

Um grande jornal alemão publicou em 1932, uma estatística concernente a empréstimos realizados pela secção musical da Biblioteca Nacional de Berlim.

Por esse documento se vê que o músico mais procurado é Bach. Beethoven vem em 3.º lugar; Schumann em 13.º Mas o que mais admira é encontrar-se nessa lista, Verdi muito acima de Wagner!

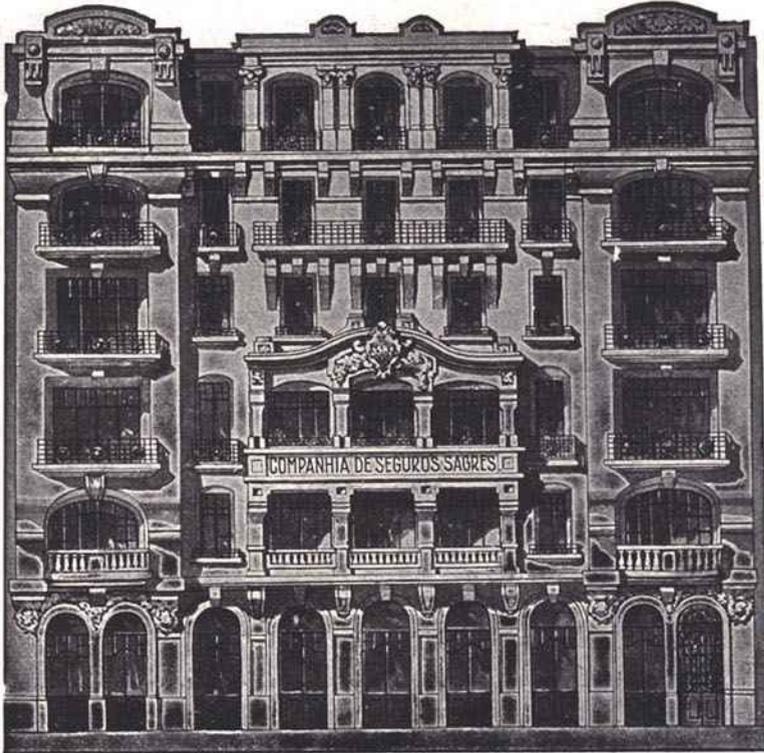
O «record» da magreza

Existe não muito longe de Pretória, no Transval, um certo Robert Luck que é, sem contestação, o detentor do «record» da magreza. Parece que esta é de tal ordem que através da pele não só se lhe podem contar todas as costelas, como também se lhe vêem funcionar todos os órgãos. Há cerca dum ano Robert Luck adoeceu e o médico poude verificar o seu estado geral examinando lhe o interior sem precisar recorrer a raioscopia.

Robert Luck gosa, de ordinário, bastante saúde. Possui um apetite excelente. As suas forças físicas são normais. Não sente muito o frio e agasalha-se em geral, pouco. Alimenta-se quasi exclusivamente de legumes crus. Tem preferência pelos espinafres, pelas cenouras e pelas saladas de todo o género que come apenas com sal.

Tem trinta e anos. Desejaria casar, mas ainda não encontrou, uma rapariga que estivesse disposta a aceitá-lo por marido.

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

**O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —**

CONSULTEM A SAGRES

**INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES**

OBRAS DO ILUSTRE PROFESSOR

DR. EDUARDO COELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... **5\$00**
- Trombose das coronarias e infarto do miocardio** (Estudo experimental e clínico)..... **30\$00**
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) **15\$00**
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... **7\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Ben-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heltor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tódas as exposi-
ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE
HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária
e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo**

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais. O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance — 308 págs., brochado...)	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de **100:000** vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

À VENDA

JOÃO DE BARROS

Pátria esquecida

NOTAS E ESQUEMAS

1 vol. de 212 págs., brochado **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

A 5.ª EDIÇÃO DE

Crónicas imorais

POR

Albino Forjaz de Sampaio

1 vol. de 266 págs., brochado **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

NOVIDADE LITERÁRIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12\$00** enc. . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume.

Alexandre Herculano, um volume.

Antero de Figueiredo, um volume.

Augusto Gil, 1 volume.

Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.

Eça de Queirós, dois volumes.

Fernão Lopes, três volumes.

Frei Luís de Sousa, um volume.

Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume.

João de Barros, um volume.

Lucena, dois volumes.

Manuel Bernardes, dois volumes.

Paladinos da linguagem, três volumes.

Trancoso, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. . . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2. ^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br.	8\$00
Braz Cadunha — 1 vol. br.	6\$00
Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br.	7\$00
Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br.	7\$00
Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br.	8\$00
Mudança d'Ares — 1 vol. br.	10\$00
Por terras estranhas — 1 vol. br.	4\$00
Meu (O) menino — (3. ^a edição), 1 vol. enc. 17\$00; br.	12\$00
Manual de Medicina Doméstica , indispensável em todas as casas (2. ^a edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina	35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

5 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Exc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a cores, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19. broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Júlio Berrilli</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de Júlio Verne. 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guimar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de Jorge Roux. 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas cores; formato 28x19.	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de Ribeiro de Carvalho. 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a cores, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Stenkwicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guimar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Stenkwicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cerca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Anzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br.	15\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	12\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA



Faz ó-ó
Mimi

São Horas
de Deitar

"FECHA os olhos, minha queridinha... a tua mãe vai dar-te a Ovomaltine para dormires um soninho descansado"... e agora também toma a sua chavena de Ovomaltine para chegar depressa ao paiz dos sonhos.

Longas experiencias provam que a Ovomaltine é a melhor bebida para as creanças no periodo de crescimento. A Ovomaltine não só produz um sono tranquilo e natural, como também fornece todas as propriedades nutritivas tão necessarias a um corpo que se está a formar e para suprir a energia e vitalidade que as crianças tão prodigamente dispendem.

A Ovomaltine é um alimento completamente nutritivo preparado por um processo científico e composto das melhores qualidades do malte, leite e ovos. Por estas razões a Ovomaltine marca por si só um logar.

A Ovomaltine não contém assucar vulgar para diminuir o preço em prejuizo da qualidade. Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contém chocolate ou uma grande percentagem de cacau.

Pelas suas supremas qualidades a Ovomaltine é a bebida regular diaria de milhares de pessoas.

Qualidade
acima de
tudo

OVOMALTINE

A venda em todas as farmacias, drogarias e mercearias, aos preços de Esc. 9\$50, 18\$00 e 34\$00

DR. A. WANDER S. A., Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^A (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41-2.º

LISBOA